

**Ana Clara Esteves Amaro**

## **Bairro das Picoas : História e Urbanismo**

**Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção de grau de Mestre em História de Arte Contemporânea realizado  
sob a orientação científica de Dra. Joana Cunha Leal**

**31 Outubro 2012**

# Bairro das Picoas: História e Urbanismo

Ana Clara Esteves Amaro

## Resumo:

Através desta tese pretende-se dar a conhecer a história urbana de um bairro neste caso o Bairro das Picoas.

Através também deste objecto de estudo é possível reconhecer que existem várias Lisboas numa só cidade e que a história a elas inerentes são também elas diferentes.

No caso do objecto de estudo a sua história é explicada não tanto por factores eminentemente históricos, mas mais pela constante evolução urbana, principalmente aquela que se inicia nos fins do séc XIX e que continua para além do séc XX.

A necessidade de adequar a urbanidade a uma nova situação social e económica, o aumento populacional, as influências europeias as novas cidades modernas, Paris e Barcelona, Haussman e Cerdá.

A obra de Ressano Garcia também é um dos pontos fulcrais no estudo do Bairro das Picoas, pela sua localização estratégica e estruturadora.

Tendo o Bairro como ponto de partida, procura-se também explicar o significado de bairro, através das suas especificidades, características, teorias e teses e fazer comparações com outros bairros e outras tipologias.

Numa cidade em constante evolução, onde o antigo coexiste com o moderno, nada é imutável, significando por isso que o estudo que se vai efectuar terá muitas questões, muitas respostas e ainda mais descobertas.

## Palavras Chave:

Antigo, Bairro das Picoas, Bairro, Bairro. História, evolução, urbanismo  
Paris, Barcelona, Haussmann, Cerdá, Ressano Garcia, cidade, imutável  
estratégica, estruturadora, moderno, cidades modernas, teoria, teses,  
obra, urbanidade, séc.XIX, séc.XX.

**INDÍCE:**

<b>1- Introdução-----</b>	<b>pág. 4</b>
<b>2- O que é um Bairro-----</b>	<b>pág. 13</b>
<b>3- Como surgiram os novos Bairros-----</b>	<b>pág. 24</b>
<b>3.1- Antecedentes-----</b>	<b>pág. 24</b>
<b>4- O Engenheiro Ressano Garcia e o seu projecto-----</b>	<b>pág. 37</b>
<b>5- O bairro das Picoas-----</b>	<b>pág. 44</b>
<b>5.1- História do bairro das Picoas-----</b>	<b>pág. 44</b>
<b>5.2- A criação do Bairro das Picoas-----</b>	<b>pág. 47</b>
<b>6--- As Avenidas Paralelas-----</b>	<b>pág. 51</b>
<b>6.1- Construção da Rua Tomás Ribeiro ou a antiga Rua do Sacramento-----</b>	<b>pág.63</b>
<b>7- Av<sup>a</sup> 5 de Outubro-----</b>	<b>pág. 70</b>
<b>8- Conclusões-----</b>	<b>pág. 77</b>
<b>Fontes Bibliográficas</b>	

## 1-Introdução

«Uma cidade no estuário dum rio, branca vista de longe, dourada do alto dos miradouros ao cair da tarde. Depois estreita e abandonada, quando se desce as ruas e se desvendam percursos....»«A Lisboa que fascinou todos os conquistadores continua, no entanto desconhecida»<sup>1</sup>

Lisboa é uma cidade cuja história de muitos séculos se espelha nas suas facetas mais características, onde o antigo se encontra com o mais moderno, o popular com o elitista

A sua estruturação urbana é o resultado não só de uma conjugação de circunstâncias económicas, políticas e sociais mas também da influência, histórica, física e moral<sup>2</sup>. O desenho desta cidade, tem vindo a ser desenhada, adaptada inovada. Uma cidade constituída por um plano, onde outros planos estão inscritos.

A sua individualidade<sup>3</sup> foi sendo moldada ao longo dos tempos, através da presença de outras culturas, outras religiões e outros processos urbanístico. Ou seja, a cidade que já foi muçulmana, depois de uma breve passagem romanizadora, passou por muitas outras fases até chegar a sua imagem actual.

Entre as várias mudanças, aquela que mais transformações implicou foi a da grande

---

<sup>1</sup>-Marina Tavares Dias, in *Lisboa Desaparecida*- Lisboa, Quimera Editores, pág.3, 1998

<sup>2</sup>-A noção da importância da história física e moral no estudo da construção urbana é referida na obra do historiador José Augusto França, *História de Lisboa: Física e Moral*. Para ele a história urbana de Lisboa ou até de qualquer cidade não pode estar só vinculada a factos estritamente históricos. Deve-se também ter em conta o papel activo da população através dos seus hábitos, costumes e até orientações religiosas.

A mesma tese do papel da população na história do desenvolvimento da cidade foi enunciado pelos sociólogos urbanos Park, Burgess e Mackenzie in *The city*- Chicago University Press, 1992. Na sua concepção sociológica, a construção urbana tem muito a ver com o papel criador dos seus habitantes. Assim a população através dos seus hábitos e costumes cria uma coesão forte com a cidade. A consequência desta ligação mútua de que a cidade passa a ter uma organização tanto de ordem Física como Moral. A capacidade adquirida modela ambos.

<sup>3</sup>-A questão da personalidade relativa a cidade de Lisboa, é temática já tratada por vários autores remetendo sempre para Júlio de Castilho, que teria sido o primeiro a enunciar. De acordo com o artigo- *A individualidade de Lisboa e o tipo de casa portuguesa em Júlio Castilho* de Joana Cunha Leal, para Castilho, Lisboa tem uma feição pessoal que é determinada essencialmente pelo edificado e vivências. Tinha como exemplo o Bairro Alto que correspondia a esse ideal( ver *Lisboa Antiga: Bairro Alto*.

Para Castilho duas razões se debatiam nesta afirmação: o antigo versus moderno, sendo que o antigo deverá ser preservado.

Esta preposição é também enunciada através do artigo publicado no site-projecto de Ana Luisa Janeiro da F.C.U.L. [www.marcasdasciencias.fc.ul.pt](http://www.marcasdasciencias.fc.ul.pt).- 2010

«*Algumas das características do património remetem para um legado que a história acabou por marcar, criar preservar ou destruir, segundo intervenções naturais ou culturais*»..«*A essência da carga identificadora da memória de um lugar*»

tragédia de 1755. Muitos dos traços ainda persistentes da sua antiguidade, memórias de tempos áureos da capital do império das especiarias, desapareceram, dando lugar a uma cidade parcialmente despedaçada, a espera de consolo e de um novo futuro. Uma nova Lisboa, ressurgiu pouco a pouco, sobre as ruínas do que eram as outras eras, sonhada e projectada tendo em vista também o seu bem mais precioso, o rio. O traçado aprovado por Pombal, são então desenhados novos limites geográficos, nova concepção urbanística e consequentemente uma nova fórmula arquitectónica. Um novo modelo de cidade, virado para o devir em cujas muitas expectativas eram as de conseguir colocar a cidade ao mesmo nível das outras cidades europeias. A frente ribeirinha torna-se portanto na estrutura mais importante, atendendo a sua vocação comercial e política (Praça do Comércio) e novas áreas a norte são a pouco e pouco ocupadas. A Ajuda é escolhida como morada da família Real que convive lado a lado com a população mais pobre. O Bairro Alto torna-se um ponto de encontro da burguesia,, com os seus muitos palacetes e solares, encostados aqui e além a várias habitações mais simples.

Numa primeira visão a cidade tinha progredido em alguns aspectos, no entanto a realidade era muito diferente. Lisboa parecia estar dividida entre dois pólos distintos. O primeiro que era constituído pela frente ribeirinha e o outro mais a norte, uma área ainda pouco urbanizada, onde ainda se podiam vislumbrar extensos campos de cultivo e hortas.

*«Este fraco desenvolvimento e continuidade de ruralidade era justamente a consequência de tempos conturbados<sup>4</sup>*

Os tempos conturbados de que J. Augusto França se refere como explicação para a persistência destes dois cenários, deviam-se as várias crises sociais, económicas e principalmente políticas, que afectavam o país. Este afligido por uma onda sucessiva de invasões francesas e a fuga estratégica da família real portuguesa para o Brasil, as revoltas e guerras civis que por seu lado absorveram todo o erário público deixando-o sem recursos, levou a paralisação de toda e qualquer acção ou plano de melhoramentos para a cidade.

---

<sup>4</sup>-José Augusto França -in *Lisboa : Urbanismo e Arquitectura*- Lisboa, Biblioteca Breve, 1990

De 1852 a 1857 dá-se a primeira reviravolta, sob a auspiciosa direcção de Fontes Pereira de Melo, e do Governo Regenerador. Uma das primeiras acções em benefício da cidade para além dos caminhos de ferro seria a abertura de uma estrada de Circunvalação que passava a unir vários locais de Lisboa, como Alcântara e Santa Apolónia. O sonho de progresso exigia no entanto mais do que melhoramentos nas vias.<sup>5</sup>

O primeiro e mais importante passo no desenvolvimento de Lisboa estava feito.

Seguir-se iam outros passos embora de forma lenta mas que iriam em direcção à modernização da cidade.

São executados os primeiros melhoramentos na cidade, criando novas vias, são determinados os trabalhos para a fixação dos limites territoriais e é ordenado o levantamento topográfico da capital, como elemento essencial para a posterior correcção das ruas existentes, os embelezamentos de praças e a resolução de alguns problemas do saneamento básico.

Neste âmbito e em resposta ao urgente pedido de Fontes Pereira de Melo, surge a primeira carta da cidade realizada entre 1856-1858, saindo das mãos de Carlos Pezerat em colaboração com Francisco e César Goullard e adquirindo o nome de Carta de Filipe Folque.<sup>6</sup>

Para além destes primeiros actos relevantes para o reconhecimento da cidade de Lisboa e dos trabalhos depois a efectuar, havia outros sonhos antigos que há muito se desejavam realizar. Há muito que havia o ensejo de prolongar o Passeio Público, criando uma avenida que unisse o hoje Rato ao Campo Pequeno.

Pierre Pezerat já tinha enunciado esse desejo através do seu «*Projecto de rectificação e alargamento de ruas*». E seria o primeiro a apoiar esse intento, que mais tarde se concretizaria nos trabalhos de Ressano Garcia.

O Plano Geral de Melhoramentos não estava ainda completo, já que apesar de algumas mudanças, a cidade ainda mantinha os mesmos problemas e necessidades que precisavam ser satisfeitas.

O reconhecimento destas fraquezas é considerado por João Crisóstomo ministro e secretário das Obras Públicas. Para além das preocupações com as redes viárias e

---

<sup>5</sup>- Ver Raquel Henriques da Silva, in *Avenidas Novas de Lisboa* - tese de mestrado, FSCH, pág.21-22

<sup>6</sup>-in *Atlas da Carta Topográfica- Filipe Folque*

os múltiplos problemas de dentro e fora de Lisboa, impunha-se a execução do primeiro plano geral de melhoramentos da Capital:

*«attendendo n'elle ao das ruas, praças e jardins e edificações existentes e a construção e abertura de novas ruas, praças, jardins e edificações, com as condições de hygiene, decoração, commodo alojamento e livre trânsito do publico»<sup>7</sup>*

O projecto da Avenida da Liberdade, não fora esquecido e mesmo após a morte de Pezerat seria retomado por um engenheiro diplomado tanto pela Escola Politécnica de Lisboa e a Imperiale des Ponts et Chaussées de Paris, que possuía extraordinárias capacidades técnicas e de liderança e a experiência de ter trabalhado na maior obra urbana moderna: A renovação de Paris sob Haussmann.

*« Por volta de 1870, quando a Comuna de Paris pôs fim trágico a um decisivo período de desenvolvido, parte significativa da velha cidade, tinha desaparecido, cedendo o lugar a uma extraordinária rede de avenidas, reticulares e articuladas entre si, que foram, durante quase um século, o palco de representação da poderosa sociedade burguesa e um dos mais divulgados modelos do« urbanismo progressista»».*

.. *«Certamente o jovem Ressano Garcia foi marcada por esse efervescente ambiente de mutação urbana, e pode reflectir sobre os recursos e as soluções.»<sup>8</sup>*

Como engenheiro e chefe da Repartição das Obras Públicas, Ressano não deixou cair por terra os esforços que até aí se vinham a efectuar no sentido de melhorar a cidade. A sua acção foi assertiva, tendo sempre como primeira linha directiva a continuação do plano de melhoramentos e principalmente os projectos das novas vias e avenidas.

O caminho não seria fácil, já que eram muitas as oposições, tanto do governo como dos proprietários e os condicionamentos causados pela lei das expropriações, protela-vam a aprovação do projecto do primeiro lanço da Avenida que só veria a luz do dia no ano de 1877. Dois anos mais tarde já sob a presidência de Rosa Araújo seria aprovado o projecto que ligaria o Passeio Público ao Rocio, em 1886 com a

<sup>7</sup>- Plano Geral de Melhoramentos, mandado executar pela Câmara Municipal de Lisboa no ano de 1860

<sup>8</sup>-Raquel Henriques da Silva, in *Das Avenidas Novas à Avenida de Berna*- Lisboa, [http://iha.fcsh.unl.pt/uploads/RHA\\_2\\_8.pdf](http://iha.fcsh.unl.pt/uploads/RHA_2_8.pdf), págs. 128, 129

presença da família real, é inaugurado o primeiro lanço da Avenida que passaria a ser conhecida por Avenida da Liberdade.

Este projecto seria estruturado segundo várias normas, que mais tarde serviriam na criação das avenidas novas. Entre os processos a observar estava incluído como elemento orientador várias plantas relativas a Avenida e ao Parque da Liberdade e também o do Bairro das Picoas que apresentava o traçado proposto que iria substituir o já pré-existente. Neles também se encontrava bem expresso as propriedades que serviriam por expropriação os interesses públicos.

Avizinhavam-se novos tempos, a ebulição de um progresso que não podia ser detido. Já no virar do século, outros planos já estavam traçados. Ressano Garcia na sua genialidade de engenheiro, liderou a concepção e a implementação do projecto da expansão da cidade e principalmente do projecto mais significativo para esse facto: a avenida Assessorado na sua função pelo engenheiro António Maria de Avelar e o arquitecto José Luis Monteiro, seus colegas e homens de confiança, Ressano venceu todos os obstáculos e conseguiu impor a sua visão de futuro e o seu projecto urbanístico.

*« O modo como Frederico Ressano Garcia se apropriou da proposta simultaneamente utópica e impirica para a abertura de um Boulevard a norte do Passeio Público, é esclarecedor do espirito que animava a sua actuação. A ideia datava pelo menos de 1859, retomando a intenção dos arquitectos pombalinos. »<sup>9</sup>*

principal impulsionador da ideia da Avenida da Liberdade agora tinha em mente um projecto maior. Um projecto inspirado nos Boulevards de Paris e nas avenidas de Barcelona, projectadas por Cerdá. Ressano cria para Lisboa as Avenidas Novas, planificadas segundo uma estrutura baseada em eixos principais, num quadriculado quase infinito.<sup>10</sup>

Alfama, Mouraria, Bairro Alto, alguns desses bairros que se destacaram na vida lisboeta, pelas suas características específicas e pelo seu papel na organização urbana, passaram então a conviver no mesmo espaço urbano com os novos bairros.

Outros surgiriam mais tardiamente consequência do desenvolvimento e a preocupação em alojar uma população em constante crescimento, devido ao continuo êxodo rural

<sup>9</sup>-Raquel Henriques da Silva, in *Avenidas Novas de Lisboa*

<sup>10</sup>-O Plano de Extensão ou Ensanche é representado graficamente por uma reticula particular, um sistema de vias e quadras, uma estrutura única inter-dependente.



em busca de melhores condições de vida. Por um lado, criaram-se bairros para acolher os trabalhadores de uma indústria cada vez maior, e por outro para alimentar os gostos das classes emergentes.

Estas e outras preocupações seriam apanágio principalmente da 1ª República e anos precedentes, embora de formas variadas, com outros sentidos e objectivos.

O surgimento do Bairro das Picoas, está por assim dizer interligado e unido na , mesma corrente histórica, política e até económica da expansão/trans transformação urbana de Lisboa.

De facto pode-se dizer que muito embora houvesse uma zona caracterizada pela existência de uma rua ou estrada cuja toponímia era Picoas, seria só graças á intervenção de Ressano Garcia, como veremos no seguimento deste trabalho que o bairro se tornaria realidade.

Resumindo, Lisboa é uma estrutura feita de várias estruturas, que consistem num centro antigo, uma zona ribeirinha, e um conjunto de aglomerados chamados de Bairros, uns pré-existentes vinculados às primeiras memórias histórica da cidade e outros que nasceram de um projecto maior, de um desejo de progresso e modernidade.

Feito este caminhar quanto a história urbana de Lisboa entre o fim do séc XVIII e principio do séc XX, para justificar a existência ou não do Bairro das Picoas, muitas questões se colocam ainda.

A intenção deste estudo é a caracterização do Bairro das Picoas, e por isso a primeira pergunta a fazer é a possibilidade da definição da estrutura, identidade e função de «bairro».

Assim para esta resposta será necessário recorrer aos vários meios disponíveis para dar um significado à palavra,«bairro», do seu funcionamento no meio urbano, em que consiste, qual o seu papel na construção da cidade .

Muitos autores como Lewis Mumford <sup>11</sup>consideravam que num meio urbano poderiam co-existir vários outros meios urbanos com características e vida própria e que podiam ter um papel importante no todo que constitui a cidade. Considera-se pois que de acordo com esta tese o elemento urbano Bairro seria um destas estruturas.

---

<sup>11</sup>-Lewis Mumford-(1895-1990)-Historiador, sociólogo e interessado pelas questões do urbanismo. É a estas obras « The City in History» e «Culture of the cities», que me refiro, que são fundamentais para entender o seu pensamento.

Para outros, mais que o plano urbano edificado são os habitantes destes aglomerados que fazem com que o «Bairro» exista.

Estas definições aplicam-se a história urbana de uma cidade como Lisboa, e nos bairros que foram nascendo desde a sua fundação. Alfama e Mouraria serão referidos como marcos históricos, assim como a importância do Bairro Alto, bairro que marcou a passagem entre os séculos XVI e XVII, e que teve grande importância como tomada de consciência de uma nova arquitectura e urbanismo.

*«A afinidade de pressupostos urbanísticos entre o Bairro Alto e o plano pombalino teve como consequência a integração do bairro na cidade imaginada por Pombal.»<sup>12</sup>*

No caso do Bairro das Picoas e seguindo a tese de Mumford é essencial percorrer, alguns passos através de uma análise mais completa. Assim o estudo terá de seguir por várias fases, sendo que a primeira mais importante que a temática da temporalidade ou da história urbana, é definição do termo Bairro, e de todos os factos e factores inerentes, isto é, o que significa, no que consiste, e que tipos de bairro existem.

Como o material escrito que implica directamente a área em análise é escassa, procurou-se a forma indirecta, através de descrições aproximadas que referissem a zona em questão, buscando através da história urbana em geral informações que expliquem o particular. Assim procurou-se apoio em diversas fontes impressas, passando pelas obras académicas, artigos publicados em imprensa principalmente da altura em questão e também da actual, destacando-se a *Ilustração Portuguesa*, *O Panorama*, *Ilustração*<sup>13</sup>

Como meio de complementar a análise do desenvolvimento da cidade era sem dúvida necessário também situar as várias fases deste com os acontecimentos históricos, através das obras referentes a história geral, como é o caso da *História de Portugal de Veríssimo Serrão*, e a *Historia Contemporânea de Portugal* de João Medina<sup>14</sup>. Será ainda de referir para o estudo em questão a utilização de obras relativas a história de arte, e a autores lisipógrafos como por exemplo Júlio de Castilho, com a obra *Lisboa Antiga: Bairro Alto ou* Norberto de Araújo.

<sup>12</sup>--Carita, Helder in *Bairro Alto-Tipologias e Modos Arquitectónicos*-Lisboa, edições Imprensa Municipal de Lisboa, 1994, págs. 3,59, 60

<sup>13</sup>-Estes documentos estão acessíveis digitalmente no site [www.hemoroteca.p-](http://www.hemoroteca.p-)

<sup>14</sup>-Serrão, Veríssimo, in *História de Portugal*, Lisboa. Editorial Verbo, Vols. 8,9,11,12, 1989  
Medina, João, in *Historia Contemporânea de Portugal*, Lisboa, Editora Multilar, 1990

O método porém que poderá fornecer maior informação neste caso é a cartografia.

Para estruturar o discurso escrito era necessário recorrer a análise cronológica, isto é, que seguisse passo a passo a evolução da zona escolhida. Como cronologicamente o desenvolvimento se inicia nos finais do séc XIX, procurou-se estabelecer um contraste ou comparação entre a cartografia anterior a 1856 e posterior, já abrangendo a progressão da construção das avenidas novas.

A base desta análise baseou-se em várias cartas topográficas como por exemplo a *Planta Referente ao estado da travessa de Picoas, de Francisco Goullart* datada de 1881<sup>15</sup>, ainda a *Planta Topográfica da cidade de Lisboa* de Francisco Goullart continuando com o *Levantamento topográfico* também de Francisco Goullart<sup>16</sup>. De Filipe Folque o *Atlas-Carta topográfica de Lisboa-nº 1, nº5 e nº12* de 1800 a 1874, a *Planta referente à Rua das Cangalhas, estrada das Picoas, Torre do Pezim, Torre das Picoas*.<sup>17</sup>.

Para além destes documentos, serão incluídos outros elementos também ligados ao Bairro, como por exemplo a escritura de terrenos, a memória descritiva dos edifícios e arruamento da Av<sup>a</sup> 5 de Outubro e o documento da construção da Rua Tomás Ribeiro, respeitando aos processos efectuados para a obra como por exemplo a expropriação de terrenos, troca de prédios e contratos.

De Júlio António Vieira da Silva, usou-se a *Planta Topográfica de Lisboa -10J de 1910*, também o *Projecto de Prolongamento da Avenida António Maria de Avelar entre as ruas nº6 e Ocidental do Campo Grande* de 1903.<sup>18</sup>

É indispensável também a leitura das cartas topográficas de Filipe Folque desde 1856-1858, além dos projectos de Pezerat, Ressano Garcia, centralizando-se no eixo das Picoas.

Muito embora a cartografia pudesse explicar no plano, o avanço das avenidas, do esquema de quadricula utilizada por engenheiros como Ressano Garcia, o objecto

---

<sup>15</sup>-*Planta referente ao estado da estrada das Picoas*- Novembro de 1882 e Maio de 1891. Documento reproduzido pelo Arquivo Municipal em suporte digital

<sup>16</sup>--*Levantamento topográfico de Francisco Goullart*- Documento reproduzido pelo Arquivo Municipal em suporte digital.

<sup>17</sup>-Todos os documentos indicados acima, fazem parte do *Atlas da Carta Topográfica de Lisboa(1857-1909)* da autoria de Filipe Folque. Todos os documentos estão disponibilizados pelo Arquivo Municipal de Lisboa em suporte digital no site- [arquivomunicipal.cm.pt](http://arquivomunicipal.cm.pt)

<sup>18</sup>-Todos os documentos indicados acima fazem parte da *Planta Topográfica de Lisboa (1908 -?)* da autoria de Júlio António Vieira da Silva. Todos estes elementos estão disponibilizados pelo Arquivo Municipal de Lisboa em suporte digital no site- [arquivomunicipal.cm.pt](http://arquivomunicipal.cm.pt)

de estudo é de temática mais alargada, compreendendo também a tipologia arquitectónica, artística.

Em traços gerais ao fazer esta análise sobre o Bairro das Picoas, pretende-se contribuir para aumentar o conhecimento sobre esta área ou zona de Lisboa, através da sua história, da história urbana.

Um dos pontos mais importantes e elemento de partida é como se disse atrás, a tentativa de compreender a estrutura, a identidade e a função do Bairro ou do sítio das Picoas.

O primeiro ponto a focar é mesmo o conceito de bairro, isto é, o que faz um sítio constituir-se como tal, quais as diferentes tipologias de bairro, como estas se formalizaram e o porquê e defini-lo através da caracterização da sua arquitectura, organização espacial e outros aspectos de interesse.

Complementarmente e de forma a demonstrar o carácter único do bairro como um microcosmo que contém em si outros microcosmos, propomos uma comparação entre duas áreas. Neste caso tomou-se em atenção a Rua Tomás Ribeiro e a Av. 5 de Outubro.

Ambas avenidas paralelas nascidas da construção das Avenidas Novas, mas ambas de características próprias, diferenciando-se uma da outra..

Partir de uma questão relativa a sua toponímia seria diminuir a sua importância, por isso a melhor forma de analisar é respeitar as suas diferenças a nível histórico, arquitectónico e também artístico.

Após ter-se efectuado este estudo comparativo entre duas artérias correspondentes ao mesmo bairro, procurar-se a fazer uma análise comparativa com outros bairros, outros casos na mesma cidade, resultando daí uma conclusão que sem dúvida responda a questão principal desta dissertação. O Bairro das Picoas, é um bairro? Se sim como se pode designa-lo como tal, urbanisticamente e historicamente falando.

## 2- O que é o um Bairro

*«Área administrativa ou fiscal. Em cidades como Lisboa ou Porto as áreas dos concelhos foram divididas em parcelas territoriais de menor extensão»..«parte da cidade que compreendia determinada área em geral ocupada por povos da mesma raça ou classe«O Bairro dos Judeus».<sup>19</sup>*

Falar de Lisboa, é falar de uma história de muitos séculos, não só política, social ou até económica, mas sobretudo urbana. Nesse contexto é de destacar uma das suas maiores e mais importantes características, criadoras da sua identidade: os bairros.

A cidade de Lisboa é pois constituída por vários bairros, sendo que os mais antigos representam fases da sua história fundacional como é o caso de Alfama ou Mouraria ou mais tardia, como é o caso do Bairro Alto.

Mas o que são na realidade os «Bairros»? Que expressão tem na concepção da cidade?

Na sua aceção mais comum o termo «Bairro» corresponde a uma unidade mínima de urbanização existente na maioria das cidades do mundo, mais precisamente a uma comunidade, região ou localidade dentro do perímetro urbano.

Lewis Mumford <sup>20</sup>, na sua obra *A cidade na história*, define o conceito de Bairro, de forma aproximada, considerando que o Bairro era na construção urbana a forma mais rudimentar e primária de organização da população. Num meio urbano podem coexistir vários núcleos urbanos, muito embora independentes uns dos outros, tendo a sua própria autonomia, e possuindo traços distintivos, características únicas. Pode-se considerar que o Bairro, a sua arquitectura espacial na cidade, está integrado no conceito de lugar, de sítio, como a teoria de Williams declara

*«O conceito de lugar é conceptualizado através da forma como as relações sociais são constituídas, os efeitos sobre locais de processos económicos e sociais e a criação do sentido de lugar...»«...o sentimento de pertença reflecte uma significante marca de identidade e comunidade....».<sup>21</sup>*

---

<sup>19</sup>-In *Enciclopédia Luso-Brasileira*

<sup>20</sup>--Lewis Mumford, no seu estudo das questões urbanas, como por exemplo a« *Culture and the cities*»enfatizava o papel da cidade no formar e moldar as relações humanas.

<sup>21</sup>-Williams, Daniel R. in *Beyhond the commodity metaphor: examining emotional and symbolic attachment to Place*» Leisure Sciences-Virginia Polythecnic Institute,pág.31, 1995

A definição da identidade de um Bairro e a sua importância no conjunto da cidade, valorizando-se o seu papel social e até político, é questão expressa também no artigo de António Custódio Gonçalves<sup>22</sup> No seu parecer, é a coexistência dos habitantes que faz a distinção entre o centro, ou os vários centros e os bairros. E afirma ainda que dentro desta subestrutura são os bairros que se valorizam mais pela sua significação e utilidade:

*«Enquanto que o centro é tanto mais valorizado quanto mais se apresenta a todos os tipos de populações de utilizações e de apropriações simbólicas, os bairros ao contrário são mais valorizados quanto à intensidade de significação e quanto à sua qualidade de utilização....quer sejam especificadas por um determinado tipo de população e quer por uma função particular, quer ainda pela conjunção destas duas características».*

O Bairro é por si caracterizado, como sendo um lugar com uma população particular, determinada e também com uma função particular.

*«O bairro caracteriza-se como um lugar onde esta presente predominantemente, embora não exclusivamente uma população ou populações particulares( bairros operários, bairros residenciais, bairros comerciais)...».*

Nesta assunção o Bairro congrega funções e populações específicas e pela sua força, vitaliza e revitaliza a cidade. Sendo que a cidade-centro e o bairro se complementam funcionalmente a todos os níveis, seja a nível social ou arquitectónico ou outro e produzindo uma continuidade.

Norberto de Araújo, nas suas *Peregrinações em Lisboa*, concretiza e apoia a noção de Bairro e a sua importância vital para o conjunto da cidade. De acordo com a análise crítica de Gilda Santos e Gilberto Velho<sup>23</sup> Norberto de Araújo considerava que o bairro tinha personalidade própria e que de certo modo cada bairro constituía um microcosmo:

*« Já o tenho repetido»..«Lisboa dentro de um bairro administrativo ou definido por um carácter próprio acumula-se de sítios e nesses sítios ainda se agrupa em lugares que as vezes não são mais do que uma rua cuja projecção vai mais longe..»*

Considera ainda que os bairros são completamente diferentes uns dos outros pelas

<sup>22</sup>-António Custódio Gonçalves-«Os Bairros urbanos como lugares de práticas sociais».Revista Fac. Letras-, págs 16-17,1988

<sup>23</sup>-Gilda Santos, António Custódio-«Artifícios e artefactos: entre o literário e o antropológico» págs .144-154

suas características únicas, pela sua natureza, pelo tipo de habitantes, pelas suas referências histórico culturais e que por isso não se podem mesclar nem assemelhar.

*«Bairro Alto não soa como a Alfama, nem é tão velho como ela..»<sup>24</sup>.*

O primeiro grande projecto urbanístico de Lisboa, dedicado à reconfiguração da cidade destruída pelo grande terramoto de 1755, criou bases para a criação de novos aglomerados urbanos e também para a oficialização dos bairros já existentes. Um Bairro porem iria ter uma enorme importância na aquisição e consciencialização urbana, tendo um papel marcante na construção da cidade entre os sécs XVI-XVII.

O Bairro Alto, foi um aglomerado, construído a partir do séc XVI, em formato ortogonal. Um século mais tarde passou de um simples loteamento ainda de traços renascentista de hortas e pomares para uma estrutura de ruas e casario, primeiramente adoptado pelo povo e depois pela classe aristocrática para a instalação dos seus solares e palacetes. Bairro que manteve intacta até hoje, a *«feição pessoal»*, muito pela particularidade do seu edificado.

Para Júlio de Castilho esta definição era um conceito verdadeiro, pela memória do antigo e pela sua importância como modelo a seguir. Na sua obra ode ao Bairro Alto, *«Lisboa Antiga: o Bairro Alto»<sup>25</sup>*, Castilho entendia que a *«feição pessoal»* traduzida no elemento edificado, etnográfico e as vivências constituía o próprio sentido de individualidade, de diferenciação da cidade. Na sua luta / confronto entre o antigo e o moderno mantinha Castilho uma posição em que por um lado privilegiava e exortava a preservação da identidade individualizante dos bairros antigos e por outro lado a sua integração no plano da modernidade. Uma relação que deveria pautar pelo respeito mútuo. A sua preocupação maior era a de que a modernidade se sobrepusesse a esta feição única e destruísse a sua memória histórica.

Essa mesma história seria diferente dos bairros que nasceriam no fim de um século XIX e início do séc XX.. Os factores que levaram a esse aparecimento também seriam significativamente diversos.

Encabeçando a longa lista de causas e razões destes novos aglomerados estava o aumento demográfico devido a cada vez maior afluência de população vinda do meio rural, que

<sup>24</sup>-Gilda Santos, António Custódio-«Artifícios e artefactos: entre o literário e o antropológico» págs .144-154

<sup>25</sup>-No capítulo final da obra *«Lisboa Antiga: O Bairro Alto»*, Júlio Castilho considerava que Lisboa tinha uma *«feição pessoal»*, uma característica que a diferenciava através dos seus edifícios. O edificado tornava-se por isso na sua base de individualidade e que segundo ele deveria ser mantida a todo o custo. O Bairro Alto e a sua edificação deveria servir como exemplo de uma estruturação ligada a memória da Lisboa Antiga, e que se deveria adequar à modernidade. O artigo *«A individualidade de Lisboa e o tipo de casa Portuguesa em Júlio de Castilho»*

vinha em busca de melhores condições de vida. O crescimento industrial e as necessidades crescentes de mão de obra intensificaram, a partir de 1870, o processo de urbanização.

À cidade de Lisboa foram sendo acrescentados pequenos núcleos urbanos, que praticamente se encontravam no limite da clandestinidade<sup>26</sup>.

Havia pois que acolher os novos habitantes, e como não existiam ainda muitos recursos ou habitações em número suficiente, optou-se muitas vezes pela adaptação em palácios arruinados e conventos desertos. Nasceram também as primeiras vilas operárias, que por sua vez poderiam ser considerados pequenos bairros<sup>27</sup>.

Numa segunda fase, os bairros operários que irão surgir nada tem a ver com os primeiros que não primavam nem pelo conforto nem pela qualidade. Dois factores se juntaram para que a situação se modificasse. Com a crescente prosperidade e o apoio e iniciativa da construção privada, aquela que fora uma solução provisória, passa a ser expressamente edificada. Muitos destes bairros, dissimulados no tecido da urbe, agiam como pequenos redutos rurais no meio citadino.

À transformação urbanística iniciada no séc XIX, modelo que emergiu depois de 1850 seguir-se-ia um novo desenvolvimento. Ressano Garcia, entendeu e fez a sua própria interpretação acerca da urbanização de Lisboa e do crescimento dinâmico das cidades. Com as Avenidas Novas, apareceram novos bairros correspondendo a uma vocação habitacional abrangente que combinavam com a oferta de alojamento para uma classe mais burguesa ou mesmo aristocrática.

*«Diversos bairros novos surgiram ao longo e a partir da Avenida da Liberdade: primeiro o aristocrático bairro Barata Salgueiro, articulando a nova artéria com os sítios antigos do Rato e S. Mamede, e depois o Bairro Camões do lado oposto, operação privada para a pequena e média burguesia, com o eixo principal na Rua Conde Redondo cujas terras foram para o efeito, loteadas e ao longo da Av<sup>a</sup> Fontes Pereira de Melo surgiria, de um lado e de outro, o Bairro das Picoas, que aproveitava algumas vias antigas (como a Estrada das Picoas ou a calçada do Sacramento) para criar uma rede de artérias novas.»* <sup>28</sup>

<sup>26</sup>-Ver. *Pátios e Vilas de Lisboa, 1879-1930, a promoção privada do alojamento operário*- Nuno Teotónio Pereira, do artigo publicado na revista *Análise Social*, XXIX, 1994, págs509, 510.

<sup>27</sup>-Ver *Pátios e Vilas de Lisboa, 1879-1930, a promoção privada do alojamento operário*- Nuno Teotónio Pereira, do artigo publicado na revista *Análise Social*, XXIX, 1994, págs509, 510.

<sup>28</sup>-Raquel Henriques da Silva «Das Avenidas Novas à Avenida de Berna» da *Revista de História de Arte*. Departamento de História de Arte.-retirado do site iha.fsch.unl.pt, págs 127 a 140.



Nos anos 20, iniciou-se um estudo de um novo tipo de bairro, o bairro para as classes operárias, sendo que o primeiro exemplo seria o Bairro do Alvito<sup>29</sup>. Estes aglomerados feitos para o proletariado, já eram conhecidos desde a Revolução Industrial situando-se quase sempre à volta das fábricas e das indústrias e de certa forma afastados do centro da cidade. Ainda subsistem vários exemplos destes pequenos bairros, hoje conhecidos por Vilas <sup>30</sup>

*«Dentro desta variedade, um dos tipos mais frequentes.....trata-se das casas em que a construção acompanha a via pública, recobrem uma realidade que contém o essencial da vila. Edificação multifamiliar intensiva , construída por iniciativa privada e destinada a famílias de baixos rendimentos...».*

Eram uma espécie de casa longe de casa, onde no meio da modernidade ainda se notava os traços de ruralidade. Também aqui existiam algumas diferenças já que algumas dessas Vilas não tinham em mente o alojamento de operários e sim a pequena burguesia. Exemplo maior dessa qualidade é a Vila Berta, localizada e construída ao pé do Largo da Graça entre 1900 e 1902.

Poder-se ia dizer que constituía um pequeno bairro de características únicas para um estrato social de certa forma elevado, incluído noutro bairro, este de maiores dimensões. No entanto todas estas iniciativas, não chegavam para resolver todos os problemas de habitação, para acolher cada vez mais gente vinda dos campos e da periferia em busca de melhoria da qualidade de vida.

Estas e outras preocupações que a 1ª Republica teve de lidar, foram resolvidas através da lei da Institucionalização, preconizada em 1918 <sup>31</sup>. Surgiram assim os primeiros Bairros Sociais como o do Arco do Cego ou da Ajuda-Boa Hora.

Os bairros sociais eram entendidos como áreas de promoção habitacional, mas este conceito podia abarcar outros significados. A concepção destes aglomerados tinha como intenção apoiar a população menos favorecida, oferecendo melhores condições que incluíam uma renda fixa e adequada.

---

<sup>29</sup>- Ver wikipédia

<sup>30</sup>-Nuno Teotónio Pereira-«Pátios e Vilas de Lisboa, 1870-1930: a promoção privada do alojamento privado»Análise Social , vol 3 1994 pag. 512.

<sup>31</sup>- Ver o artigo de Ferreira, Maria Júlia- *O Bairro Social do Arco do Cego-uma aldeia dentro da cidade de Lisboa*- Lisboa, Revista Análise Social, vol. 127,- 1994 , págs 697, 698, 699, 700, 701

Este tipo de bairro constitui um grupo de dimensão significativa que se distingue do resto da malha urbana pelas suas características sócio-urbanísticas <sup>32</sup>.

Antecedido deste conceito, estava outro conceito, o do Bairro-Jardim. Estes bairros são geralmente destinados às classes mais altas da sociedade. A sua estrutura apresenta uma ligação muito importante a natureza, em que a paisagem não natural edificada entra em harmonia com os espaços arborizados.

O modelo de Cidade-Jardim enunciado e concebido por Ebenezer Howard <sup>33</sup> final do Séc. XIX, consistia numa comunidade autónoma cercada por um cinturão verde, num meio termo entre campo e cidade. Em Lisboa adoptou-se estes princípios na criação do Bairro do Alvito <sup>34</sup> na segunda década do séc XX. Incluído no projecto dos Novos Bairros, era caracterizado pela harmonia entre o tecido edificado e os espaços verdes, a simetria e a organização.

Não tão frequentes como os bairros operários ou residenciais estabeleceram-se bairros de outros tipos mais ligados a situação social. Diferentemente das outras aglomerações onde até era possível a ligação entre tipologias sociais diferentes, os bairros nobres constituiriam um caso a parte. Estes Bairros caracterizavam-se pela presença de uma maioria de moradores de alto padrão social e de relativo poder. Os preços elevados e difícil aquisição de prédios mantinha as classes menos abastadas a parte, causando por consequência a sua individualidade. Este afastamento devia-se a vários motivos, entre eles históricos, políticos e sociais determinantes também da sua personalidade.

Se observar-mos o caso do Bairro da Lapa, verificamos que se enquadra perfeitamente nesta designação. Este bairro cujo desenvolvimento urbano se deu realmente após o terramoto de 1755, tornou-se um centro de grande importância pelo conjunto de edifícios notáveis, palacetes, pela presença do poder decisivo do país, personificado pela Assembleia da República e as inúmeras embaixadas.

Muito mais recente mas também considerado um bairro nobre é sem dúvida o Parque das Nações, cuja criação se deveu a uma manifestação cultural, que depois de instaurada

---

<sup>32</sup>--Ver artigo de Maria Júlia Ferreira- *O Bairro social do Arco do Cego-uma aldeia dentro da cidade de Lisboa- Lisboa, Revista Análise Social*, vol. 127,- 1994 , págs 697, 698, 699, 700, 701

<sup>33</sup>--Sir Ebenezer Howard, foi um pré urbanista britânico, que se tornou conhecido pela sua obra *Garden cities of to-morrow-* de 1898, onde descrevia um cenário de harmonia entre o homem e a natureza. Esta publicação resultou na fundação do movimento das cidades jardins.

<sup>34</sup>--O Bairro do Alvito foi o primeiro Bairro a sair do «estudo dos bairros operários» de 1928-Este Bairro seria baseado na estrutura das Cidades- Jardim, já iniciados com sucesso na Europa e principalmente na Grã-Bretanha. Fora executada na periferia, caracterizando-se pela simetria e organização.

se manteve enraizada e em continuo crescimento. Fazendo uma leitura urbanística, poder-se ia portanto pensar que este aglomerado passou também pela «gentrificação»<sup>35</sup>, Esta porém consistiu não tanto no processo de transformação de uma parte de uma zona em particular habitada por classes sociais pobres para que possa ser habitada por pessoas de classes sociais mais elevadas, mas mais propriamente uma área inteira. A revitalização e a nobilitização surgiu a partir da reabilitação e reestruturação do espaço que se encontrava num grande estado de degradação e despovoamento.

Poder-se ia concluir que a construção das avenidas e os bairros daí nascidos se assemelhavam a este processo, mas embora se possa considerar alguns pontos de encontro, o sistema não se coadunaria com a hipótese da gentrificação.

Voltando a olhar para a avenida principal( a avenida da Liberdade) criada como continuação do Passeio Publico, verificamos que esta adquiriu a sua importância através não do processo de gentrificação mas pelo enobrecimento construído de raiz e depois através dos tempos, foi recebendo melhoramentos tanto a nível arquitectónico, como de infraestruturas comerciais.

Poder-se há concluir que é possível distinguir vários tipos de «gentrificação», determinados pelas mudanças de valores e de utilizadores principalmente dentro do sistema da cidade moderna. E vem muito ao encontro do que diz respeito a reabilitação urbana, isto é, a valorização social e simbólica dos lugares neste caso o Bairro.

De acordo com Bourdin<sup>36</sup> existe um conceito que explica este processo: «*um modo de ocupação*»:

*«Um modo de ocupação, como um estilo de vida, é uma construção realizada para a conjugação de uma diversidade de actores e de carteiros. Ele estrutura-se a volta de grandes valores e imagens associadas aos comportamentos típicos que nos desenvolvemos dentro de um contexto urbano...»*

Já a concepção enunciada por Perry Clarence<sup>37</sup> está ligada ao conceito de unidade de vizinhança. De acordo com esta concepção a unidade de vizinhança assemelha-se ao Bairro resultado da união de várias unidades residenciais. Este conceito que conheceu

<sup>35</sup>-Lisboa, Revista Análise Social, vol. 127,- 1994 , págs 697, 698, 699, 700, 701

<sup>36</sup>-Alain Bourdauin - Professor Francês de Urbanismo-Fez várias leituras críticas sobre a gentrificação, chamando a especial atenção sobre o carácter dinâmico da realidade urbana. No seu estudo sobre o assunto Bourdin propôs o conceito de «*modo de ocupação*».

<sup>37</sup>- Clarence Arthur Perry-(1872-1944)-Arquitecto, planificador, sociologo e autor. Como planificador formulou as suas ideias iniciais sobre os bairros e a vida comunitária. Produziu diversos livros, panfletos e artigos sendo que o mais reconhecido trata da unidade de bairro -*Neighborhood Unit*.

uma grande difusão durante os anos vinte, já era no entanto pensado e talvez aplicado por Cerdá no Plano de Barcelona. Uma das preocupações que assistia a Cerdá era a distribuição dos equipamentos urbanos e as suas relações com os habitantes. Esta preocupação reflectia as opiniões dos críticos e sociólogos de que esta unidade estava em vias de desaparecer. O crescimento por vezes desmesurado das cidades não permitia que houvesse essa ligação primária entre os habitantes, e por isso a primeira solução e a que se tornaria mais eficaz seria o planeamento urbano. Este através das suas linhas proporcionaria o encontro desejável entre a urbe e o homem, criando no seu espaço unidades específicas integrantes destes dois aspectos. Os Bairros ou a unidade de vizinhança seria o método a aplicar na estruturação da cidade .

Assim como o seu papel é importantíssimo para o funcionamento da cidade, atingindo até a capacidade de a moldar, de a transformar, criar limites e fronteiras.

A importância desta unidade dentro da cidade, é ainda nos nossos dias assunto de constante interrogação e de interesse. A consciência da importância do seu papel no desenvolvimento da cidade é tema de vários artigos onde várias opiniões se manifestam, introduzindo novas perspectivas e visões, dos vários pontos do estudo académico, da antropologia a sociologia.

Françoise Choay<sup>38</sup> por exemplo, num dos artigos *Culture and Neighborhoods Perspectives and Keywords* »em relação à ligação dos Bairros com a cidade em termos da cidade pós-guerra, defende que estes elementos de unidade mantêm um papel de força nas cidades, tanto a nível social como cultural e como entidades políticas e físicas.

«Eles são olhados como as pedras angulares de uma experiência urbana. Os planificadores das cidades e os académicos que pertencem ao grupo que intitulou como « Culturalistas», sublinham o papel dos bairros urbanos no fortalecimento das comunidades, no reforçar das identidades da população e facilitando as relações humanas, possibilitando ligações positivas entre pessoas e cidade»<sup>39</sup>

Para Françoise Choay os Bairros definem a cidade do ponto de vista cultural e

<sup>38</sup>-Françoise Choay era historiadora das teorias e formas urbanas e arquitectónicas e professora de urbanismo, arte e arquitectura..Através das suas obras dava a sua perspectiva sobre o património e o urbanismo das cidades, em«*Alegoria do Património*» ou « *O Urbanismo*».

<sup>39</sup>-Citação retirada da série de artigos publicados na revista do European Council, sobre o título *Culture and Neighborhoods, Perspectives and Keywords*- Vol.4, pág 67, 1998

social, produzindo do seu modo qualidade urbana, acção visível na sociedade actual. Os Bairros de hoje em dia tem muita visibilidade e influência, sendo por isso considerados:

*« .. como um imediato e reconhecido ambiente urbano que as pessoas experiênciam.*

*Os bairros são sentidos pelos seus habitantes como a própria cidade.»*

Já para Hermann Schwengel, os Bairros têm sido tema e temática central de muito interesse. De certa forma concorda com Françoise Choay, considerando o valor dos bairros na sociedade, como raízes do urbanismo social <sup>40</sup>.

Também na sua opinião, os Bairros tem sido tema maior principalmente a nível da sociologia urbana. Nesse sentido coloca a questão da significação da palavra Bairro, palavra que contem diferentes sentidos. Esta variedade porém tem como pedra de fundação o conceito de bairro mais antigo, integrado na tradição sociológica urbana.

*«No passado o «bairro» assumiu como a expressão espacial da comunidade: uma área bastante homogénea onde os habitantes estão ligados uns aos outros pelas suas semelhanças culturais e sociais.»<sup>41</sup>*

Alude que também devido ao continuo desenvolvimento a leitura deste elemento vai-se modificando. Não deixa porém de manter a sua posição quanto a importância do papel dos Bairros não só na cidade como na aldeia global que constitui o planeta.

A conclusão a que se pode chegar é a de que a noção de Bairro é muito subjectiva , já que existem muitos tipos de Bairros, que surgiram por motivos ou formas diferentes, que no conjunto da cidade representam entidades únicas, individuais.

Esta opinião é também aceite na visão de vários arquitectos, que pelo seu conhecimento sobretudo da casa e da forma como esta se situa no local ou cidade.

---

<sup>40</sup>- Hermann Shwengal, sociologo e investigador. Citação retirada da série de artigos publicados na revista do European Council, sobre o titulo *Culture and Neighborhoods, Perspectives and Keywords*, vol4, págs.59-65

<sup>41</sup>-O urbanismo social é um aspecto particular do rol do arquitecto. Asua atribuição é o de articular a construção da cidade-habitação- e os equipamentos sociais-Jorge Mário Jáuregui.

Tomemos por exemplo a opinião da arquitecta Inês Lobo, quando se coloca a tónica na definição de Bairro.<sup>42</sup>

Para esta arquitecta o Bairro é um sistema dentro de outro sistema que é a cidade, e que para a sua diferenciação é necessário fazer a separação, assim como se deve fazer a divisão entre estes e o significado de rua ou local.

*«A cidade é sobretudo um sistema, sistema esse que parte de uma ideia global, para uma ideia de íntimo.»...« Quanto a mim Bairro é uma coisa que pode ter várias escalas. Muitas vezes chamam bairro a uma coisa que não são mais do que um conjunto de casas com uma rua».*

No entanto as diferenças são evidentes, e assim deveriam ser comunemente classificadas. Se não vejamos:

*« Mas devia-se chamar coisas diferentes, que uma rua pode constituir um pequeno núcleo que não é um bairro mas que pode constituir um pequeno núcleo de vida qualificada.»*

As características de uma cidade e de um bairro também são muito diferentes e isso e isso é muito importante.

*«Uma das características dos Bairros, é exactamente isso, é como são pedaços de cidade são feitos para toda a gente e suportam todos os tipos de vida...».*

No seu modo de ver o bairro em relação a cidade concorda pois com o que Cerdá e Perry Clarence entenderam desta unidade de vizinhança. Ambos compreenderam a relação directa entre os equipamentos e os seus habitantes.

*« O Bairro é uma coisa que acontece, como acontece com o tempo, muda, transforma. Chegam lojas, chegam pessoas, desaparecem...»«É uma coisa em permanente renovação e reconstrução e por isso funciona tão bem, porque faz parte do sistema, porque dialoga com o sistema da cidade.»*

Através destas múltiplas considerações e definições diversas sobre a entidade Bairro é possível concluir que o bairro é não só uma unidade de vizinhança com uma identidade muito própria, mas que partilha com a cidade e os outros elementos como as ruas ou locais uma relação recíproca. Que o bairro é pertença da cidade, mas que ao mesmo tempo age livremente no seu interior.

---

<sup>42</sup>-Excertos do programa da rtp2 «A casa e a cidade»- capítulos A evolução da cidade- e Bairros- 20/10/2011- 06/12/2011. Reprodução e visualização disponível no site [www.vimeo.com](http://www.vimeo.com)

Que o Bairro é fruto de uma transformação ou apenas a vontade de um numero de pessoas. Que surgem por vezes de forma espontânea outras por exigências do desenvolvimento, ou ideais urbanísticos.

Que o Bairro pode ser uma fileira de casas numa só rua, ou um pátio rodeado de casas, fechando-se em si.

Um bairro também deve muito a existência ou não de uma série de serviços primários, como lojas, centros de saúde, farmácias, a chamada qualidade de vida que faz com que o seu habitante aí fique e não queira sair.

O bairro das Picoas enquadrar-se ia em qual destas categorias? Para caracterizar este bairro é possível fazê-lo de várias formas utilizando para o efeito os vários conceitos já enunciados anteriormente.

Pode-se considerar à partida que este Bairro é uma unidade de vizinhança, com uma identidade muito própria, reflectindo-se na sua relação entre os outros espaços ainda que os seus limites, não sejam tão perceptíveis. A isso sem dúvida se deve a forma como o par de ruas ou local que constituía as fronteiras do Bairro se transformaram após a intervenção das Avenidas Novas. Um dos eixos principais condutores do projecto era a da Avenida das Picoas, que por sua vez abarcava toda a sua zona.

Este Bairro ao contrário de muitos outros bairros que devem a sua criação a um acto cultural, histórico ou social, era uma unidade de vizinhança que seguia os moldes usados na construção das Avenidas Novas. Longe dos propósitos de melhorias habitacionais para classes sociais baixas, e também longe das vontades de tornar um local pobre mais nobre, o bairro era só constituído por prédios de rendimento. Mas como foi na realidade o seu surgimento, é a pergunta que se deve fazer de seguida.

### 3-Como surgiram os novos bairros

#### 3.1- Antecedentes

Para se poder responder a pergunta feita anteriormente, sobre a forma como os novos bairros surgiram em Lisboa, é necessário voltar atrás no tempo.

*«Um novo modelo de Lisboa emerge depois de 1850. Em termos urbanísticos, só então começa na realidade o século XIX»<sup>43</sup>*

Antes de 1850, Lisboa era uma cidade em ebulição construtiva, entre o tentar remediar os estragos ainda visíveis do Terramoto, porque todo o resto desaparecera para dar lugar a uma nova cidade, nos moldes pensados de Pombal e a edificação de novos símbolos de certa forma reivindicativos da antiga nobreza.

*«Também com a «ressurreição dos mortos» da classe nobre que Pombal abatera a Reconstrução mudou de sentido, no seu aspecto mais imediato que foi o da edificação de palácios da aristocracia tradicional – mas também daquela que, por via capitalista de origem pombalina se lhe igualava»<sup>44</sup>*

A par da ressurreição desta classe nobre, constituída pelas famílias Lafões, Angejas ou Castelo-Melhores, que se fez sentir na construção de muitos palacetes, a cidade ir-se ia enriquecer com uma nova Basílica e um teatro Ópera.

*«A Basílica da Estrela e o teatro de S. Carlos são as únicas obras importantes do reinado de D. Maria, entendido até a regência nominal de D. João (1799) que coincide com o extremo fim do século»<sup>45</sup>*

A Basílica da Estrela, nascida da devoção, D. Maria I pelo Sagrado Coração de Jesus, obra do arquitecto Mateus Vicente de Oliveira, de traços maneiristas e elementos barrocos, assemelhando-se ao Convento de Mafra e o Teatro Nacional de S. Carlos (edifício ao gosto neoclássico mas bem integrado na Lisboa Pombalina), um dos poucos símbolos culturais e de divertimento na cidade, constituíam os expoentes máximos dessa mudança de século.

<sup>43</sup>-Marina Tavares Dia, In «Lisboa Desaparecida», Lisboa, Quimera Editores, Vol II, Pág.157, 1998

<sup>44</sup>-In «Lisboa: História e Arquitectura- José Augusto França, Lisboa, Biblioteca Breve, págs. 55-56, 1980

<sup>45</sup>-In «Lisboa: História e Arquitectura- José Augusto França, Lisboa, Biblioteca Breve, págs. 55-56, 1980



No entanto existiam muitas fragilidades, principalmente no que dizia respeito às obras públicas, que constantemente estavam paralisadas. A lenta progressão das obras deviam-se a vários factores, sendo que o mais sério era a falta de recursos. A Inspeção Geral do Plano também impunha um ritmo pouco acelerado, já que mantinha um controlo apertado aos construtores obrigando-os de certa forma a cumprir as regras e os esquemas pré-determinados.

Esta situação prolongar-se ia durante muito tempo, já que a conjuntura económica política e social que se avizinhava, iria ser muito difícil.

O país sofreria invasões consecutivas das tropas Napoleónicas, a que se seguiram seguidas de vários conflitos e uma guerra civil onde se oporiam os apoiantes do Conservadorismo absolutista de D. Miguel e os Constitucionalistas Liberais partidários de D. Pedro IV.

Com a vitória dos liberais são iniciadas reformas que iriam afectar principalmente as ordens religiosas, através da sua extinção e a expropriação dos seus bens, e a reutilização dos espaços onde funcionavam.

Neste período de governo liberal, onde continuaram a haver muitas revoltas populares e golpes de estado foi possível introduzir novas reformas e empreendimentos.

Um desses projectos que foram sendo adiados, foi a iluminação pública, que nos tempos anteriores era feita a azeite e óleo de peixe, e que só existiam nas propriedades privadas pertencentes a burguesia.

A sua falta ou inexistência desta infraestrutura publica era alvo de considerações e críticas dos viajantes estrangeiros que visitavam a cidade, mas que nela não se sentiam seguros:

*«Numa cidade como Lisboa, cujas ruas, pela sua disposição, tanto propiciam ao assassinio e ao roubo a necessidade de iluminação impunha-se como uma a realização indispensável. Nunca porém se cuidou de tal, e só em 1790, foi finalmente resolvido tomar-se tal medida..»«..depois do inverno de 1793, foram retirados os candeeiros e nunca mais foram colocados.»<sup>46</sup>*

---

<sup>46</sup>-Ver *Água, iluminação e esgotos em Lisboa nos finais do séc. XVIII*- José Luis Cardoso, Artigo publicado na revista *Análise Social*, vol XXXV de 2000, págs 500, 501.

Tentou-se por diversas vezes resolver o problema, colocando o então intendente Pina Manique, imposições e regras e planos de economia de combustível, que não tiveram o resultado desejado,

*«O expediente de financiamento forçado tão ao gosto e estilo de Pina Manique, permitiu que o sistema se mantivesse intermitentemente aceso até 1792...»«Todavia os custos excessivos de combustível utilizado e a precariedade da forma de financiamento dos gastos de pessoal e manutenção...inviabilizaram o plano ousado de instalar 2000 candeeiros de azeite para a iluminação das principais artérias de Lisboa»<sup>47</sup>*

De 1790 a 1804 o problema da iluminação foi sendo ponderado e discutido, e finalmente resolvido.

A população que se afastara por longo tempo, provavelmente procurando refugio noutras áreas menos atingidas pelo terramoto, começava a regressar, no entanto não aumentando o já existente numero de habitantes.

*«No primeiro quartel do séc.XIX, a cidade acusa transformações mínimas. As razões são múltiplas, mas as invasões francesas e o domínio de Junot em Lisboa estão a cabeça. Se na cidade não se mexeu tanto não acontece nos arrabaldes próximos...»<sup>48</sup>*

Na segunda metade deste século notou-se porém uma mudança que se traduziria na renovação do movimento expansivo.<sup>49</sup>

A cidade foi-se expandindo em círculos cada vez mais largos em quase todas as direcções, mas tendo com eixo central e director o centro.

A modernidade estava a encontrar o seu caminho entre ainda resquícios de um século anterior marcado por tragédias e um renascimento lento e grave e ao mesmo tempo esperançoso.

---

<sup>47</sup>-Ver *Água,iluminação e esgotos em Lisboa nos finais do séc.XVIII*- José Luis Cardoso, Artigo publicado na revista *Análise Social*, vol XXXV, de 2000, págs 500, 501.

<sup>48</sup>- Jose Augusto França, *A arte em Portugal no séc.XIX*- Lisboa, Bertrand Editora, 1990

<sup>49</sup>-Ver, *História de Portugal(1851-1890)*- José Veríssimo Serrão, págs 218, 219

O Teatro D. Maria II, seria o símbolo inequívoco da mudança tão esperada. A sua arquitectura de gosto Neoclássico seria a ruptura( em termos estéticos) com o período anterior.

*«Para Portugal, trata-se de uma obra avançada que poderia ser tomada como programática, mas que no vazio da arquitectura nacional da época ganhava um aspecto insólito.»*

*« é um edificio de luxo, e um edificio erudito, o primeiro depois da malograda obra da Ajuda.»<sup>50</sup>*

Ao contrário das estruturas barrocas de desenho complexo e o Teatro D. Maria II é de carácter mais simples e mais funcional do que decorativo.

Este novo acordar artístico seria espelhado no novo espírito de renovação, até no sentido urbanístico.

A criação de vários jardins como o romântico S. Pedro de Alcântara ou o Príncipe Real, antiga patriarcal, e reflorestação de vários locais do centro da cidade incluindo o Rocio, fazia parte do novo sentir do tempo e da cidade. Procurava-se de novo o contacto da natureza, que a tanto se desprezara em função prioritária da necessidade de reconstrução da cidade. O Passeio Publico, criação pombalina de 1760 que na sua altura também marcara um novo capítulo na história de Lisboa, tornou-se uma imagem dessa nova forma de pensamento, adaptando-se às novas soluções decorativas que iam também de acordo com os gostos da burguesia em ascensão.

O espaço que no século anterior constituía um centro onde todos se encontravam local de festas e repouso de transeuntes, de apresentações de exercícios circenses e passagem de «modelos» das famílias mais endinheiradas sobretudo após a missa de domingo, única altura que se podiam encontrar e mirar-se uns aos outros.

Estes e outros traços deste local mantiveram-se ainda por muito tempo fazendo as delicias de jornais, revistas e obras literárias. Lisboa sem o ritual do Passeio Público não era Lisboa, (principalmente para sociedade lisbonense). Era sem dúvida o ponto de reunião de maior afluência.

---

<sup>50</sup>-José Augusto França in *A arte em Portugal no séc XIX*- Lisboa, Bertrand Editora, pág. 237, 238, 239....245. 1990

Para além dessa particularidade, o seu simbolismo exacerbou-se ainda mais com os ideais de um estado burguês que desejava manifestar o signo imediato da nova situação política (liberalismo) e das suas exigências como classe social.

*«A realização mais visível dessa atitude foi a apropriação do Passeio Público. Criação pombalina de 1760( arqto..Reinaldo Manuel), que de acordo com o urbanismo iluminista da época visava dotar a cidade de um espaço de convivência interclassista..o Passeio fora um lugar soturno que ninguém soubera utilizar..»<sup>51</sup>*

A Câmara apoiada nos dinheiros obtidos por subscrição pública, resolveu então re-novar o espaço, dotando-o de outras facilidades, proporcionando novas atividades.

*«Nesse palco então ocorreram as primeiras experiências de iluminação a gaz, ou se realizavam frequentemente quermesses ou saraus musicais com os princípios de uma cultura que pretendia civilizar pobres e marginais..e ai se podiam ver as damas de crioline num ambiente cenográfico que as caleches secundarizavam...»<sup>52</sup>*

Este local público, aberto a todos os que o quisessem frequentar, foi um sonho de Pombal que a pouco se foi desvanecendo, sobre as leis que se lhe iam impondo, conduzindo-o ao contrario do que idealizara. <sup>53</sup>

Com o correr dos tempos, o mesmo Passeio Público iria sofrer o seu mais rude golpe, a estocada final, aquela que o tornaria apenas numa memória.

O final anunciado viria no entanto com o advento da Regeneração. Com ela inicia-se uma nova era de reformas e iniciativas que modificariam a paisagem social portuguesa. Quando se pretende tratar do urbanismo da cidade de Lisboa, principalmente daquele que se inicia na 2ª metade de oitocentos, não se pode deixar de referir o papel importantíssimo do Partido Regenerador e principalmente de Fontes Pereira de Melo, e a sua passagem pelas Obras Públicas.

Desde os primeiros tempos, Fontes P. Melo tinha como objectivo reorganizar a situação do município e dar respostas para as várias deficiências legislativas tanto na concepção como na edificação, problemas que até ali a Inspecção Geral do Plano não conseguiu

<sup>51</sup>- Irisalva Moita in *O livro de Lisboa*- Lisboa, Livros Horizonte, pág.406, C.M.L 1994

<sup>52</sup>- Irisalva Moita in *O livro de Lisboa* -Lisboa, Livros Horizonte, pág.407, C.M.L, 1994

<sup>53</sup>-Dias, Marina Tavares, in *Lisboa Desaparecida – Voll* «Mas o sonho de Pombal- criar um lugar público agradável e que todos pudessem frequentar -foi rapidamente ensombrado pelas duras leis do intendente Pina Manique, que proibiu quaisquer, «maltrapinhos ou individuos embuçados» de lá entrar.»

resolver.

O país saíra de um período de grande agitação política e social, com muitos focos de guerras civis, revoltas populares e invasões, o que se traduziria nos esgotamento do erário dos cofres do estado e impedindo o bom funcionamento dos serviços municipais. Porém o objectivo maior de Fontes Pereira de Melo era como regenerador o avanço do país em direcção ao progresso e da modernidade. Para isso era necessário, desde logo revitalizar a administração e a economia. Mas mais importante ainda era a criação de mais vias de comunicação, que pudessem fazer a ponte entre o centro da cidade e as zonas mais afastadas, pontes e estradas e muitas outras infraestruturas. Fontes fez sentir aos mais altos poderes a necessidade de alterar a situação de atraso, vincando as vantagens destas reformas que no seu ver seriam :

*«uma poderosa alavanca para o futuro da nação», «A viação pública carece de um grandíssimo desenvolvimento e exige um poderoso impulso. Quase sem estradas, sem caes e sem caminhos de ferro, deve este paiz a sua existência comercial anterior aos mares que banham o seu extenso litoral, e aos rios que regam o seu território»<sup>54</sup>*

O programa fontista de melhoramentos principalmente ligados a parte material está associado a vontade de tentar melhorar as infra-estruturas de circulação em todo o país, interessando principalmente as ligações internacionais, tanto ferroviárias quanto marítimas e daí também o projecto de melhorias da zona ribeirinha. Fontes Pereira de Melo sabia como nos outros países europeus estes aspectos permitiram um grande avanço e progresso económico.

Não menos importante mas também não esquecido eram os melhoramentos urbanos de outro carácter, aqueles que de certa forma deveriam acompanhar o progresso material, formalizado na requalificação da capital. Projecto esse em continuo esboço ao longo da segunda metade do séc XIX.

Havia porém antes de efectuar estes projectos a resolução dos vários problemas causados pelas más condições sanitárias que por sua vez provocou vários surtos epidémicos de cólera, febre amarela e outras doenças infecciosas.<sup>55</sup>

Era do conhecimento geral, as deficiências do equipamento sanitário e as precárias

<sup>54</sup>-Excerto retirado da obra « *História de Portugal-O terceiro Liberalismo-1851-1890* » -Joaquim Veríssimo Serrão, pág.226.

<sup>55</sup>-Ver o artigo *Urbanismo e modernização das cidades 0«embellazamento » como ideal, Lisboa, 188-1891-* Álvaro Ferreira da Silva -Revista Scripta Nova, edição de 2000

condições de habitabilidade dos edifícios existentes na cidade.

Tornava-se portanto premente fazer funcionar o que Fontes Pereira de Melo já indicara como primordial.

A resposta vinda dos poderes públicos consistia na intervenção em três áreas, sendo<sup>56</sup> que para além do maior abastecimento de água ao público, o aumento da rede de esgotos e condições de circulação se fizesse também um plano maior de intervenção urbana. Este papel caberia ao engenheiro da câmara P.J. Pézerat a quem em 1858 o município solicitou que apresentasse um plano de acção municipal.

O documento por ele elaborado tornar-se ia o primeiro instrumento de intervenção urbanística e sanitária por parte da câmara.

O projecto baseava-se especialmente nos melhoramentos a nível de obras e outras intervenções que de forma imediata resolvessem os problemas de salubridade.

*«Apesar da explanação destes problemas-que se lhe afigurava terem provocado um atraso de cerca de 20 anos em relação ás principais capitais da Europa- Pezerat teve o cuidado de defender a Câmara de Lisboa, afirmando nomeadamente que, face aos meios que esta dispusera , muito tinha ela conseguido fazer...»«Contudo, segundo ele, tendo sido satisfeitas essas primeiras necessidades poderia agora o governo vir em socorro das obras públicas municipais...»<sup>57</sup>*

Era porém necessário maiores conhecimentos e experiência que só poderia ser adquirida através do contacto directo com os projectos em execução fora do país. Pezerat encarregou-se dessa tarefa utilizando a sua ida para Paris como uma experimentação in loco de forma a adquirir os conhecimentos e as ideias. Vivia-se um período de troca de informações e de práticas, onde a partir de um projecto principal se procurava copiar o modelo adequando a situação urbana própria.

A vontade de traçar uma avenida que prolongasse o Passeio Público foi também uma das ideias que surgiu com frequência nas intenções programáticas dos melhoramentos.

*« Por esse tempo já começava a laborar no escuro uma ideia arrojada. Parecia querer vir, alvorecendo, ainda muito abaixo do horizonte prático, uma lembrança original: o rompimento de uma avenida grandiosa, ligando o Rossio com o subúrbio norte» <sup>58</sup>*

<sup>56</sup>- Trata-se do Plano de Melhoramentos e embelezamento da cidade« *Mémoire sur les études d'améliorations et embellissements de Lisbonne-Pézerat, Pierre Joseph. Mémoire sur les études d'améliorations et embellissements de Lisbonne. Lisboa: Imprimerie Franco-Portugaise, 1865.*

<sup>57</sup>- Lisboa, Maria Helena- in *Os engenheiros em Lisboa-Lisboa*, Editora Horizonte, Pág. 106, 2008

<sup>58</sup>-Ver Júlio de Castilho in *Lisboa Antiga: Segunda parte: Bairros Orientais -Volumes 9 e 10*, pág 165

Seria em 1860 que este desejo seria enunciado pelo então Presidente da Câmara Júlio Pimentel.

*« Em sessão de 8 Julho de 1859, o talentoso Visconde de Vila Maior, Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, apresentava na Câmara Municipal de Lisboa, onde era presidente, uma nova proposta para se estudar a abertura de um Boulevard ou larga rua que seguisse desde o Passeio Público pela parte inferior do Salitre, e pelas terras de Vale do Pereiro, até S. Sebastião da Pedreira e ramificando-se para o campo pequeno».*<sup>59</sup>

Em 1870, praticamente dez anos depois da primeira intenção da criação de uma avenida, o engenheiro Bartolomeu Dejanete, trataria de elaborar um primeiro projecto.

Oito anos mais tarde seria apresentada ao parlamento uma proposta aventada pelo deputado Saraiva de Carvalho e o par do reino Pereira de Miranda, sobre as expropriações que seriam necessárias para a obtenção de terrenos, para a abertura de uma avenida.

O Conde de Valbom na altura ministro das obras públicas apoiado nestes propósitos mandou por sua vez fazer um estudo para um Boulevard, que incluísse uma ligação ao Campo Grande.

*« Desde 1863, quando o Vereador Severo de Carvalho fez uma proposta de abertura de um Boulevard partindo do Passeio Público até à Circunvalação passando pela ordem emanada do então Ministro das Obras Públicas, Engº Joaquim Tomás Lobo de Ávila (Conde de Valbom), em 1870, de elaboração de um projecto e orçamento de uma via a ligar o Passeio Público e o Vale do Pereiro, daí bifurcando para Benfca e Campo Grande, este projecto começa a definir-se e a revelar, por vezes, a assunção da ideia, que pode ser considerada a principal contribuição dos engenheiros para o urbanismo oitocentista».*<sup>60</sup>

Levaria ainda algum tempo e também alguma pressão para que o projecto fosse posto em prática, tendo nisso insistido o vereador da Câmara de Lisboa, Francisco Margiochi a 25 Maio de 1874.

Seria no entanto um ano mais tarde, que por mãos de Ressano Garcia se iria apresentar um anteprojecto do «boulevard», tendo este sido aprovado.

---

<sup>59</sup>- Ver Júlio de Castilho in *Lisboa Antiga: Segunda parte: Bairros Orientais -Volumes 9 e 10*, pág 166

<sup>60</sup>- Maria Helena Lisboa in *Os engenheiros em Lisboa-*, Editora Horizonte, pág125, 126, 2008

Pierre Pézerat seria o engenheiro que apoiando este objectivo, fez as primeiras planificações e estudos.

De facto esta intenção de estudo de outros modelos <sup>61</sup>, correspondia a urgência de que a cidade de Lisboa estivesse a par da modernidade já iniciada pelas suas congéneres europeias.

*«A abertura da Avenida é apenas o lado emblemático deste projecto de requalificação urbana. Mas porque representa a síntese no ideal de embelezamento,...como simbolizando a modernização da cidade em todos os domínios( do urbanístico ao sanitário), vai condensar este discurso de modernidade»*

Segundo as suas consideração e também de acordo com a experiência adquirida Pézerat considerava que para que o projecto fosse viável e que satisfizesse a vontade já anteriormente proclamada e incentivada pelo «Fontismo» era necessário para além do financiamento gerido pelo governo central, as capacidades técnicas de que o município estava muito em falha, por falta de pessoal qualificado. Era necessário para obras de tão avultada importância alguém com grandes capacidades que não se limitassem só ao arranjo urbanístico mas também ao tratamento dos equipamentos.

A sua visão era, porém, que a Câmara tinha nestes propósitos muitas fragilidades, o que seria de certo uma incompatibilidade com o «*Projecto de Melhoramentos e Aformoseamento da cidade de Lisboa*», propondo para o efeito um outro projecto cujos moldes se adequassem aos melhoramentos futuros que a cidade tanto precisava.

Seria através do decreto de 31 de Dezembro de 1864, decisão de extraordinária importância de João Crisóstomo a frente das Obras Públicas, que veio a ser determinante no estabelecimento de normas de construção urbana, assim como na descrição das transformações a muito ansiadas para a cidade.

Nesse decreto estavam especificados todos os trabalhos a efectuar, principalmente um novo plano de melhoramentos:

*« Deve imediatamente proceder a um plano geral dos melhoramentos da capital , atendendo nele ao das ruas, praças e jardins e edificações existentes e a construção e a abertura de novas ruas, praças e jardins e edificações com as condições de higiene e decoração, como do alojamento e livre trânsito do publico.»<sup>62</sup>*

---

<sup>61</sup>- Estes modelos referem-se não só ao plano de Paris do Barão de Haussmann, como também ao exemplo de Cerdá, que porventura também terá sido influenciado pela obra do primeiro, tendo no entanto um papel mais importante no desenvolvimento do urbanismo como disciplina multi-disciplinar, que Ressano Garcia adoptaria na sua própria obra.

<sup>62</sup>-Decreto lei de 31 Dezembro de 1864 C.M.L, aprovado pelo ministro das obras públicas João Crisostomo



A oficialização deste decreto procurava responder as questões colocados em congresso sobre quais as melhorias necessárias para a cidade de Lisboa. Era um grande primeiro passo ainda que de uma forma subjectiva.

Nesse mesmo decreto ainda se propunha que o plano deveria ser elaborado por uma comissão composta de vários elementos, de profissões ligadas ao urbanismo mas de disciplinas diferentes:

*«Art.34 -Este plano será elaborado por uma comissão composta de um engenheiro e de um architecto, empregados no Serviço das Obras Públicas, de um engenheiro proposto pela Câmara Municipal e de um vogal do Conselho da Saúde Pública do Reino ..Esta comissão terá às suas ordens os necessários empregados técnicos...».*<sup>63</sup>

Ao mesmo tempo eram expedidas as primeiras ordens para o início das expropriações necessárias ao projecto:

*« Art. 37-« São declaradas de utilidade pública e urgente todas as expropriações necessárias para inteira execução do plano ordenado e feito em conformidade com os antigos antecedentes e aprova pelo Governo».*<sup>64</sup>

P. J. Pézerat, aproveita o ensejo de João Crisóstomo, publicando uma obra sua onde manifesta as maiores preocupações, aquelas a que se devia destacar nos melhoramentos, na sua *«Mémoire sur les études d'améliorations et embellissements de Lisbonne»*.

Ao mesmo tempo que crítica a falta de iniciativa, propõe como pontos essenciais o porto de Lisboa e um plano geral para os novos bairros. Outra proposta seria a da criação de uma lei de expropriações e de que o financiamento deveria vir da parte dos empreendedores, inclusivamente dos particulares.

Esta lei tornar-se ia uma luta constante, uma problemática que congregaria em seu torno críticos e apoiantes e que se prolongaria no tempo. Ressano Garcia na sua altura também teve de se debater com estas divergências em que se opunham não só partidos como ideais.

A construção da Avenida da Liberdade, foi o ponto de arranque na transformação urbana da capital, principalmente pelo desejo ( de há muito) de expansão da cidade.

<sup>63</sup>-Decreto lei de 31 Dezembro de 1864 C.M.L, publicado pelo ministro das obras públicas João Crisostomo

<sup>64</sup>-Decreto lei de 31 Dezembro de 1864 C.M.L, publicado pelo ministro das obras públicas João Crisostomo

*« Vão em breve começar as obras do nosso grande Boulevard, e vai prosseguir o movimento de transformação material da cidade com a abertura e prolongamento de diversas vias, com a realização de melhoramentos, como o saneamento da cidade, e outros que as necessidades do município, nas suas relações interiores e exteriores reclamam e o progresso exige»<sup>65</sup>*

Esta grande obra significaria o símbolo da «modernidade», não só no domínio do saneamento, embelezamento mas também urbano. De acordo com o artigo de Álvaro Ferreira da Silva, era um discurso de modernização, que agora materializava os ecos do passado:

*«A abertura da Avenida é apenas o lado emblemático deste projecto de requalificação urbana. Mas porque representa a síntese no ideal de embelezamento ....simbolizando a modernização da cidade em todos os domínios, vai condensar este discurso de modernidade..»<sup>66</sup>*

Também o terá sentido o então vereador Francisco Simões Marghiochi, que considera que esta obra teria tido um triplo papel. Para ele a Avenida destacava-se pela sua importância como veículo de futuro no domínio do saneamento, das comunicações e «embelezamento» da capital.

Rosa Araújo, comerciante, Par do Reino, deputado e presidente da Câmara de Lisboa de 1872-1873, foi também um porta voz deste ideal de modernização. Como vereador e principalmente como continuador da herança regeneradora e da tese dos melhoramentos materiais iniciado por Fontes Pereira de Melo, manteve essa vontade e desejo lutando contra a «Chacota» de muitos adversários políticos.

*«Surge Rosa Araújo que arrostou contra o medo urbano do avanço para Norte. Põe em prática a sua ideia e um plano. Abre a avenida da Liberdade que mais do que uma obra cheia de beleza e de interesse capital para a zona da cidade que penetrou...»<sup>67</sup>*

Também ele recomenda vivamente a necessidade de fundos e recursos financeiros

<sup>65</sup>-Cit. Álvaro Ferreira da Silva-Ana Cardoso de Matos, in «Urbanismo e Modernização das cidades» o embelezamento» como ideal. Lisboa 1858-1891-Repositório Digital de Publicações Científicas da Universidade de Évora.

<sup>66</sup>-Álvaro Ferreira da Silva-Ana Cardoso de Matos, in «Urbanismo e Modernização das cidades» o embelezamento» como ideal. Lisboa 1858-1891-Repositório Digital de Publicações Científicas da Universidade de Évora.

<sup>67</sup>Francisco Simões Marghiochi- Professor substituto da Real Academia da Marinha e deputado activo, conselheiro de Estado e Ministro entre 1833-35. Pertenceu a primeira comissão executiva de 1890.

que permitiriam, colocar de verdade a cidade europeia de Lisboa ao lado do status das suas congéneres.

A problemática que daí surgiria seria relativo a continua utilização dos recursos da fazenda municipal, que dentro em pouco levaria ao seu esgotamento e a posterior contracção de dívidas. Os empréstimos sucederiam-se ao longo dos tempos, assim como a lista de despesas aumentavam de forma continuada.

No entanto e apesar de todos os contratempos e crises financeira, não se deixava de trabalhar e avançar com alguns dos melhoramentos, evidenciando-se em obras notáveis, como o foi sem dúvida a Avenida da Liberdade, obra que traria muitas oposições e contrariedades, começando pelo mau acolhimento da população que não via com bons olhos a destruição do Passeio Público, chegando a considerar um atentado.

Foram vários os jornais e crónicas que se devotaram a este assunto, tanto a aplaudir este sinal de progresso como a criticar a destruição de uma memória em favor de um modernismo sem sentimentos. Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão nas suas crónicas das «*Farpas*» criticavam não a obra da avenida em si mas, o modo como a estava a ser feita, principalmente no que dizia respeito a forma como a paisagem natural estava a ser desrespeitada:

*« Os parques, os jardins, os passeios, os aformoseamentos de toda a espécie com que é dotada a capital, são monumentos da ignorância mais impertinente e do mais distinto e acrisolado mau gosto...»«...o Passeio Público é um armazém de retém arborizado.....depois disto a comissão julgou-se autorizada a declarar que as árvores estavam sem fala e que denotavam os princípios mais firmes de passarem dentro de um tempo desta para outra vida.»<sup>68</sup>*

Também Júlio de Castilho, na obra *Lisboa Antiga*, descrevia os últimos momentos

---

<sup>68</sup>-*As Farpas» Crónica Mensal da política das letras e dos costumes*-Publicações Universitárias e Científicas-2004 pgs 482-483

do Passeio Público, e do desaparecimento de uma Lisboa secular:

*«Em 11 de Novembro de 1882, começou a demolição do gradeamento do Passeio; quando veio o centenário do marques do Pombal já para as bandas da praça da Alegria de Baixo se achavam demolidas todas as propriedades defronte da porta setentrional do mesmo passeio; tinha já desaparecido portanto- diz muito bem o chorado engenheiro Miguel Pais- a mesquinha garganta oufenda que dava para a entrada na rua do Salitre.»*<sup>69</sup>

Ressano Garcia engenheiro e também presidente das obras públicas, foi sem dúvida o principal mentor desta façanha revolucionária. Sob a sua direcção Lisboa investiu num novo futuro, que transformaria a cidade que se conhecia até aquela altura.

Ressano Garcia apoiou-se nos seus estudos efectuados em Paris, onde teve a oportunidade de participar na construções dos Boulevard sobre a alçada de Haussman. Aplicou os ensinamentos adquiridos na obra que efectuaría em Lisboa. Tinha como objectivo a qualidade da pavimentação, a tipologia das ruas, aterros, viadutos e até a política de expropriação, que mais tarde seria conferida uma lei de acordo, em 1888. Assuntos que serão tratados no capítulo seguinte com maior detalhe.

---

<sup>69</sup>-Júlio de Castilho- in *Lisboa Antiga: Bairros Orientais-2ª parte*- Vol. 09-10, Lisboa, Editora Serviços industriais da C.M.L, pág.174, 1937

#### 4- O engenheiro e o seu projecto

*« Os planos de Ressano Garcia que estão na origem da expansão de Lisboa, nos finais de Oitocentos e início de Novecentos tiveram além do tudo mais o mérito de respeitar estradas antigas e caminhos rurais que se desprendiam de Lisboa campos afora...»<sup>70</sup>*

Ressano Garcia a ilustríssima figura do urbanismo do novo século, foi aquele que pelas suas qualidades técnicas e de liderança conseguiu colocar Lisboa entre «seus eguaes» europeus.

As suas muitas capacidades de engenheiro, adquiriu-as através da sua experiência tanto em Lisboa na Escola Politécnica como em Paris na École Impériale des Ponts et Chaussées. Nesta cidade teve a oportunidade de se instruir in loco, presenciando a «*Transformation de Paris*» plano traçado em cooperação pelo Barão de Haussmann e Napoleão III.<sup>71</sup>

De volta a Lisboa, Ressano Garcia iria colocar em prática tudo o que presenciara e sobretudo o que apreendera sobre o urbanismo moderno, já iniciado por Eugene Haussmann.

Assim numa cidade de fins do século XIX, hierarquizada, dividida em duas partes distintas, o centro e a zona ribeirinha, Ressano introduziria uma nova prática, onde se fazia a ligação ou conexão entre a arquitectura e a engenharia.

Do seu ensino traria também o modelo( o francês) e técnicas que o auxiliariam na projecção e na concepção de uma cidade modernizada.

Ressano não desconhecia também o Plano de Cerdá, nem a forma nova como este entendia o urbanismo. Na construção das Avenidas Novas, para além do modelo francês aplicaria os mesmos fundamentos que funcionaram para o Plano de Barcelona. Ambos concordavam que:

- A cidade funcionava em torno de um duplo conceito de movimento repouso.
- A rua devia fornecer redes de infraestruturas permitindo os transportes e também o arejamento- melhores condições sanitárias, o que aconteceria na maior amplitude entre edifícios, maiores ruas.

Outra dos pontos principais era manter a ligação entre a cidade antiga e a cidade moderna, que Ressano iria ter em atenção ao respeitar antigos caminhos e estradas.

O seu plano tanto quanto o de Cerdá e o modelo de Haussmann, baseava-se na extensão ilimitada. Esta extensão seria utilizada posteriormente com Duarte Pacheco.

<sup>70</sup>-Raquel Henriques da Silva, in *Das Avenidas Novas a Avenida de Berna*, pág 120

<sup>71</sup>-Raquel Henriques da Silva in *Das Avenidas Novas a Avenida de Berna*, pág 128

De volta a esta cidade, e demonstrando todo o brilhantismo que foi e seria epíteto de toda a sua vida e a experiência adquirida consegue ascender ao cargo de engenheiro da Câmara. Nesta actividade desenvolveu todo o seu génio, tornando-se mais tarde chefe da Repartição das Obras Públicas.

Em 1876, sabendo a necessidade da continuidade do plano de melhoramentos solicita a sua reafirmação e actualização, para onde mais tarde seria designado como engenheiro principal. Da sua mão seriam projectados vários acabamentos de arruamentos e algumas propostas de novas áreas.

*«Desde a sua entrada no desempenho deste seu novo cargo, todas as obras municipaes tomaram um grande incremento, sendo o seu projecto e construção da rua 24 Julho, na parte compreendida entre a rampa de Santos e o caneiro d'Alcantara , o projecto e a construção do Mercado da Ribeira Nova, a conclusão do edificio da Camâra Municipal, os novos Bairros de Campo de Ourique e da Estefânia, e a Avenida da Liberdade..»<sup>72</sup>*

Mas seria em 1879, que a sua capacidade se poria a prova quando o projecto da grande avenida seria aprovado. Seguir-se ia o ano de 1886, cuja data marcaria a inauguração do primeiro lanço e 1888 o inicio das obras das Avenidas Novas, a glória maior deste homem e engenheiro excepcional.

*«Todavia, estes projectos, que foram instrumentos fundamentais dos novos interesses de civilização que esses grupos representavam, tiveram ao seu dispor o saber e a dedicação de uma noiável equipa de técnicos de que Ressano era a alma. Os resultados foram, fundamentalmente por isso de uma qualidade surpreendente.»<sup>73</sup>*

As suas intervenções, as suas propostas e leis, seriam longamente criticados, contrapostos, apodados e muitas das vezes contrapostos . Ressano teve de lutar contra muitas interferências até pelo próprio Estado, interesses de terceiros, impedimentos a gosto dos proprietários dos terrenos a expropriar que olhavam com desconfiança as novas leis e oposições de outros partidários.

Desde o principio que Ressano não conseguia impor o seu modo de entender a cidade. As desconfianças que acompanhavam os seus primeiros passos provinham

---

<sup>72</sup>-In *Dicionário Histórico, Corográfico Biográfico, Bibliográfico, Heráldico , Numismático e Artístico-de Esteves Pereira* Guilherme Rodrigues.pág. 314

<sup>73</sup>-Cit, *As Avenidas Novas de Lisboa-1900-1930-* Raquel Henriques da Silva, pág 18

das forma como outros arquitectos e engenheiros viam a cidade. A imagem urbana, a parte visível do edificado eram mais importante que a parte interior. Esta última, a parte interior, era pois deixada aos gostos e á consignação de cada um.<sup>74</sup> Ressano Garcia contrapunha-se a este modo de ver a estruturação da cidade. Ao contrário dos idealismos e imposição de uma imagem fixada anteriormente, a sua visão era mais estruturante e o objectivo pensado mais adequado as necessidades da cidade.

*«Ressano Garcia tinha outra uma outra ideia. Ele não impôs uma imagem para as avenidas. E isso foi uma das maiores críticas»<sup>75</sup>*

A recuperação ou não da cidade era também um dos veículos de críticas frequentes durante todo o processo.

*«As críticas de ele não recuperar a cidade antiga, de não fazer como se fazia em Paris, que era deitar abaixo e fazer uma nova cidade»<sup>76</sup>*

Hintze Ribeiro, um dos seus maiores opositores, terá num discurso incendiário dirigido a Câmara dos Pares posto em causa a proposta aprovada a 5 de Julho de 1888.

*«Porque não se constrói um Tribunal de Justiça, um edificio de Correio, um liceu, hospícios?»<sup>77</sup>*

Outras críticas, surgiam daqueles que estavam preocupados.

A única resposta para esta questão seria a dada por Ressano Garcia, que corresponderia a uma fraqueza que sempre se verificara na história tanto do país como da própria cidade: a escassez de meios.

Pois ele sabia que essas obras iriam ter um custo financeiro muito elevado, sendo incomportável para os recursos existentes tanto em Lisboa como em Portugal. A questão principal era sem dúvida a financeira, problema com que a Câmara tinha constantemente de lidar, algo que o passado continuava a legar. Esta difi-

<sup>74</sup>-Excerto retirado do documentário «Ressano Garcia» Videoteca Municipal de Lisboa. [vimeo.com/43466809](https://vimeo.com/43466809)

<sup>75</sup>-Excerto retirado do documentário «Ressano Garcia» Videoteca Municipal de Lisboa. [vimeo.com/43466809](https://vimeo.com/43466809)

<sup>76</sup>-Excerto retirado documentário, como no nº74

<sup>77</sup>-Sessão camarária de 5 Julho de 1888

culdade revelar-se ia com particular proeminência no projecto da abertura da Avenida da Liberdade, e continuando a verificar-se nos projectos que lhes seguiriam.

Outro dos problemas delicados, depois da escassez monetária e a melhor forma de uso do pouco existente, era a lei das expropriações e a especulação imobiliária.

Ressano Garcia soube no entanto resolvê-lo demonstrando como essa política se processaria:

*«A Câmara expropria e revende por alto preço; portanto o terreno é caro, muito caro. Ergue-se talvez um ou outro prédio de mais cuidada aparência e construção para se destinar ao próprio uso de quem o possui. De resto porventura os prédios para locação obedecem a boas e elegantes condições arquitectónicas? Quem ali comprar terrenos para construir casas de aluguer, leva-se de um pensamento de especulação; todo o seu fim é tirar o maior lucro.»*<sup>78</sup>

Desde cedo que esta lei tivera aspectos negativos, problema que o estado Liberal tivera que ultrapassar. A forma demasiado cautelosa e até receosa de criar conflitos, procurando ser pouco interventiva e «centralizadora», provocou outros problemas que iriam persistir no tempo. Essas falhas revelaram-se na legislação que permitia não só o ordenamento do território urbano e o interesse publico, como também os direitos privados.

*«A liberalização em detrimento da salvaguarda do bem comum, determinou algumas importantes falhas na criação de um quadro jurídico ao ordenamento do território urbano, que garantisse o interesse público sem invadir os limites privados...»«Este comportamento revelou-se particularmente negativo no que diz respeito às expropriações que a abertura das novas vias e regularização das outras exigiam.»*<sup>79</sup>

A questão das expropriações era de facto assunto a que se deveria dar uma resposta

<sup>78</sup>-Cit. *As Avenidas Novas de Lisboa*- Raquel Henriques da Silva, dissertação de mestrado, pág 20-  
nota:A utilidade pública e urgente abrangia ainda obras como: o alargamento de estradas onde o governo viesse a permitir o assentamento de carris de ferro, ou a aquisição de terrenos necessários a execução de traçados que não possam seguir o das estradas, conforme projectos aprovados pelo governo; e ainda fortificações necessárias a defesa das cidades e vilas.

<sup>79</sup>-Helena Lisboa- *Os Engenheiros em Lisboa*, Lisboa, Editora Horizonte, pág.118, 2002



urgente, e a lei que deveria ser o seu meio de poder municipal, salvaguardando os seus direitos ainda iria passar por muitos processos até a sua aprovação final.

Mas a exclusividade que se poderia alocar ao processo do desenvolvimento do projecto de Ressano tinha raízes anteriores, embora que por motivos semelhantes. Como método com fins de utilidade pública, já era conhecida como tal em 1872, a partir do *Decreto de 11 Maio de 1872*, quando se encontrava em função de Ministro das Obras Públicas, António Cardoso Avelino.<sup>80</sup>

A lei, portanto existia mas o seu funcionamento era dificultado quando se tratava de obras de maior envergadura, como seria a Avenida da Liberdade e depois com as avenidas novas.

A premência de se fazer actuar esta lei fez-se continuamente sentir. Em 1879, sete anos depois do decreto de 1872, um motivo maior se impunha tornando urgente a sua acção. Para se realizar o projecto da abertura da Avenida era preciso abrir novas vias e o alargamento do antigo passeio publico, exigindo por isso a expropriação de terrenos.

*«Só em Junho de 1879, se volta a falar com maior proeminência nesse projecto aprovado, nas suas linhas gerais, em 1877. Rosa Araújo, então Presidente da Câmara, torna-se no verdadeiro motor que levaria á prática de tão moroso projecto.»<sup>81</sup>*

Ressano Garcia também terá sentido na pele este problema, e também ele fez chamar a atenção dos Vereadores da Comissão de Obras, para a urgência de fazer executar as linhas gerais da lei, tendo em conta o interesse para execução do projecto da Avenida e das novas ruas.

*«No ano seguinte Ressano Garcia alertava os Vereadores da Comissão de Obras para as grandes dificuldades que se deparariam na abertura de ruas, e em particular no caso do novo «Boulevard», sem que se fizesse aprovar uma lei de expropriações por zonas»<sup>82</sup>*

**A Lei de expropriações por Zonas** no entanto só veria a luz do dia em 1888, tendo como propósito a abertura das avenidas da Liberdade, das Picoas e do Campo Grande,

---

<sup>80</sup>-Helena Lisboa- *Os Engenheiros em Lisboa*, Lisboa, Editora Horizonte, pág. 118, 2002

<sup>81</sup>-Helena Lisboa – *Os Engenheiros em Lisboa*, Lisboa, Editora Horizonte, pág 119, 2002

<sup>82</sup>-Helena Lisboa – *Os Engenheiros em Lisboa*, Lisboa, Editora Horizonte, pág. 125, 2002

e as ruas adjacentes e paralelas.

*«Mas como dissemos uma **Lei de Expropriações por Zonas**, da competência do governo progressista de José Luciano de Castro, só veio a ser aprovada em 9 de Agosto de 1888, a propósito da abertura do parque em que se prolongava a Avenida da Liberdade, da Avenida das Picoas até ao Campo Grande e das ruas adjacentes a uma e a outro.»*<sup>83</sup>

Como desejado por Ressano Garcia as disposições desta lei aprovada, promoviam as expropriações necessárias para estes arruamentos, mas seguindo as medidas e a esquadria indicada. Aos proprietários era concedida em troca dos terrenos expropriados a preferência na execução das obras, mas tendo a contrapartida de as fazer de acordo com o plano.

Também existiam lutas internas pelo poder, partidos que se desejavam impor, colocando entraves ao partido contrário. A razão principal seria a financeira. Questões atrás de questões que iam impedindo o livre curso das obras e pesando cada vez mais no erário público e camarário.

*«As novas ruas, bairros e parques, desde a praça do Marquez do Pombal até ao Campo Grande são obras de Ressano Garcia»*<sup>84</sup>

Ressano Garcia deixou através da sua obra e especialmente a sua visão progressista uma nova imagem da cidade de Lisboa, respeitando os limites desenhados da sua antiguidade, criando e expandindo os mesmos, disciplinando a própria disciplina da do urbanismo, acatando e aplicando ensinamentos adquiridos através da observação dos trabalhos das obras marcantes da nova era urbana.

*« Contextualizadas no inédito crescimento urbanístico europeu na época da primeira industrialização, as Avenidas Novas de Lisboa aplicam como já afirmei alguns aspectos do urbanismo progressista que, a semelhança de Paris e Barcelona( neste caso o magnífico plano de Ildefonso Cerdá) tem concretizações mais ou menos radicais em todas as principais cidades».*<sup>85</sup>

Ressano Garcia estava sempre um passo a frente. Sabia muito bem as necessidades de uma cidade que se queria moderna, e tinha as soluções adequadas para que tal fosse possível. Essa sua visão de futuro, era de certo modo um factor importante

<sup>83</sup>- Helena Lisboa – *Os Engenheiros em Lisboa*, Lisboa, Editora Horizonte, pág. 125, 2002

<sup>84</sup>--Excerto retirado do artigo «*Ressano Garcia*», Pereira, Esteves e Rodrigues, Guilherme *n Dicionário Histórico, Corográfico, Biográfico, Bibliográfico, Heráldico, Numismático e Artístico*», pág. 314

<sup>85</sup>--Raquel Henriques da Silva in *Das Avenidas Novas a Avenida de Berna*; págs 130, 131

nos múltiplos impedimentos e contrariedades e questionamentos

*«Ressano Garcia adiantava-se a todos e por isso a realização do projecto que lhe levara mais de dez anos a elaborar, irá conhecer múltiplas travagens.»<sup>86</sup>*

Alguns chamavam a esta forma progressista que correspondia o projecto da avenida da Liberdade, um modo de pensar a cidade em termos de crescimento racional, de forma audaciosamente deliberada uma ambição desmedida.

*«Este projecto, como veremos, se era, no espírito do seu autor, um deliberado e intencional plano de crescimento racional da cidade que se abria com notável perspectiva para o futuro, foi aos olhos de sucessivas vereações.....considerando uma ambição desmedida de que poucos entendiam a necessidade, habituados aos velhos percursos que mal começavam a revelar-se insuficientes, uma capital que só agora de facto começava a crescer.»<sup>87</sup>*

Ressano Garcia, contrariou através da sua persistência estes temores e estas ideias um pouco avessas ao progresso. Lisboa não podia continuar a manter-se afastada e mais atrasada que as outras cidades europeias.

Os novos bairros, isto é, os bairros como o das Picoas, que surgiram através das das novas avenidas,( a sua maior vitória) são o resultado dos trabalhos de Ressano Garcia, aquele que no artigo da Ilustração Portuguesa era apelidado de« *grande figura*» ou « *singular figura de destaque*». <sup>88</sup>

*«Ressano Garcia foi uma singular figura de destaque da sociedade portuguesa. Era um homem de verdadeiro talento, de tanto valor, que no meio das acusações, das charges, nunca lho poderam negar. Engenheiro disctinctissimo, os trabalhos atestam todo o seu valor.»*

---

<sup>86</sup>-Raquel Henriques da Silva in *As Avenidas Novas de Lisboa- 1900-1930*-Lisboa, tese de mestrado, FSCH-UNL, pág.50, 1985

<sup>87</sup>- Raquel Henriques da Silva in *As Avenidas Novas de Lisboa, 1900-1930*-Lisboa, tese de mestrado, FSCH-UNL, pág.50, 1985

<sup>88</sup>-Artigo visualizavel na totalidade no site [www.hemeroteca.com](http://www.hemeroteca.com)

## 5-O Bairro das Picoas

*«Era um bairro de enormes apartamentos sombrios....árvores nalgumas ruas...era as Picoas»...«Por isso estranho estas ruas arremelgadas, que agora atravesso a pé, ruas de nomes inseguros-Viriato, Tomás Ribeiro, Filipe Folque, Luis Bivar, qual delas é? Perguntamos sempre por onde tantos anos passei da adolescência e juventude, lendo e voltando das sessões no cinema Monumental ou de teatros no Villaret.....às vezes com amigos de faculdade, do liceu gente do contra conspirando pelas esquinas da Maternidade Alfredo da Costa.»<sup>89</sup>*

A complexa estrutura urbana de Lisboa, não se detém apenas na constituição geográfica de sete colinas, uma parte antiga, correspondente ao centro da cidade e uma parte mais moderna, renovando e prolongando a zona ribeirinha. É claro que existem os inúmeros bairros uns conhecidos não só pela sua popularidade mas também pelas características únicas, pelo seu valor e testemunho histórico, o seu papel proeminente na formação da cidade. Alfama e Mouraria foram redutos e fronteiras entre religiões e culturas diferentes, o Bairro Alto pela sua influência na construção urbana e a Madragoa símbolo das aventuras marítimas e dos descobrimentos.

Outros Bairros, como o caso das Picoas, não atingiram esse patamar de popularidade ou simbolismo, mas mesmo assim acabaram por fazer parte da mesma história, sobretudo a urbana.

### 5.1 A História do «Bairro das Picoas

A questão que se impõe sobre este bairro, é precisamente sobre os factos e factores que a caracterizam como tal.

As fontes históricas principalmente as cartográficas referem que a zona das Picoas é documentada como a continuidade da rua de S. Sebastião da Pedreira, a Cruz do Tabuado. A sua função como bairro seria mais tardia, quando da execução das Avenidas Novas. Como todos os bairros novos correspondia a uma vocação residencial, não funcionando como zona primordialmente de serviços e comércio, como acontecia noutras zonas de Lisboa.

São poucas os dados disponíveis para explicar tanto a toponímia como o local. As referências à zona Picoas, ligam-se a outros factos, a outros elementos como por exemplo a existência de uma Porta de cidade, a chamada Porta de Picoas e também a um Forte das

---

<sup>89</sup>-Jorge Silva Meco In «*Século Passado*» Lisboa Edições Cotovia 2007B

Picoas, de cujos vestígios só se encontram documentados através de algumas obras, nomeadamente a *Revista Universal Lisbonense*<sup>90</sup>, revista essa que trata de vários assuntos e notícias até invulgares e de acontecimentos de Lisboa, ou a obra de Simão José Soriano «*História da Guerra Civil e do estabelecimento do Governo*»<sup>91</sup> ou ainda *A Gazeta de Lisboa- 1833*<sup>92</sup> quando se referia a uma dita propriedade na Travessa das Picoas. Quanto à toponímia, poucas são as informações que possam com exactidão explicar a sua origem. Existem no entanto algumas tentativas de ligação do nome, a actividades ou personalidades mais pitorescas ou importantes deixando a sua impressão pessoal. Falam vários autores portanto, mas com poucas certezas, e talvez de forma algo inverosímil, na existência de uma quinta cujo nome ficou conhecido por Picoas, através do apelido do seu proprietário: Picão. Por outro lado a explicação provém da existência de uma quinta das Picoas, cujas proprietárias, duas senhoras de apelido Picão, a que por chalaça popular as apelidou de Picoas. Se a história é verdadeira ou não é muito difícil de saber ou contradizer. De forma mais séria e com base em factos reais, existe uma descrição nas *Memórias paroquiais de Lisboa* de 1758 já se fazia referência a um sítio das Picoas que aparecia integrado nos sítios da freguesia de S. Sebastião da Pedreira, onde hoje se situa a Maternidade de Alfredo da Costa:

« Junto a Igreja, em cima da colina, a meio do caminho que ligava o Chafariz do Andaluz a Palhavã a actual Avenida António Augusto de Aguiar.»<sup>93</sup>

Norberto de Araújo, na sua obra *Peregrinações por Lisboa* refere uma velha rua de onde iam confluír as avenidas Fontes Pereira de Melo e a Praia da Vitória

« Na praça em rotunda, estrela de cinco pontas, confluem as Avenidas Fontes Pereira de Melo, Casal Ribeiro e Praia da Vitória, estas duas já deste século- e da República e confluirá dentro de um ano a Rua António Enes, que se está prolongando já através de um talhão da muito velha Rua das Picoas».<sup>94</sup>

<sup>90</sup>-*Revista Universal Lisbonense*- Semanário generalista, editada regularmente entre Outubro de 1841 e Junho de 1853-«Adivinhação profanatória- Corre há semanas ter-se achado no **Forte das Picoas** um cofre perfeitamente fechado...» pág.72, Lisboa 1845.

<sup>91</sup>-cit.ret da *História da Guerra Civil e do estabelecimento de governos ...*« se prolongavam pelo terreno forte e fácil de fortificar que apresentam os altos que constituem as ribanceiras- daqui seguiam por diante da travessa das Picoas, cortando as terras que havia em frente do chafariz...»

<sup>92</sup>-*Gazeta de Lisboa*-pág.638

<sup>93</sup>-*Gazeta de Lisboa*-pág.638

<sup>94</sup>-Norberto de Araújo- in *Peregrinações por Lisboa*, Lisboa, Colecção conhecer Lisboa, pág.79, 1993

Quanto ao nome da rua, Noberto de Araújo explica a sua proveniência:

«D. Maria Izabel Freire de Andrade e Castro descendente do primeiro Conde Morgado das Picoas, pois por aqui possui longos tratos de terrenos». <sup>95</sup>

Segundo a carta topográfica de Filipe Folque executada entre 1856-58 <sup>96</sup>--as Picoas localizavam-se no seguimento da rua das Cangalhas, actual Av<sup>a</sup> Conde de Valbom e no cruzamento com a Estrada da Circunvalação, no trecho correspondente à actual Av<sup>a</sup> Duque de Ávila, antiga divisão entre o concelho de Lisboa e Belém.

Existiu também a Avenida das Picoas que se iniciava na actual Praça Duque de Saldanha e terminava em Entrecampos. Esta avenida é fruto do projecto das Avenidas Novas.

A descrição cartográfica da área correspondente às Picoas actuais, mostrava uma face da cidade de Lisboa dos fins do séc XIX, em que ainda existiam alguns traços de ruralidade.

De facto até aos princípios do séc XX, nesta área ainda persistiam terrenos agrícolas, onde se cultivavam oliveiras, muitas hortas, e algumas quintas de forma dispersa. Fazendo uma leitura atenta a partir do mapa, é fácil de perceber que esta paisagem campestre, possui duas vias de acesso, cujo eixo principal ordenador se situava na antiga igreja de S. Sebastião. Essas duas ruas estavam rodeadas por campos de cultivo e um pequeno casario, tanto numa como noutra. As Picoas eram então a continuação da rua de S. Sebastião, que terminava no Largo da Cruz do Tabuado.

A paisagem que se manteve até praticamente o fim do séc XIX, transformar-se ia a partir da urbanização iniciada pela planificação das Avenidas Novas. Toda a área constituída pelas avenidas António Augusto de Aguiar, Duque de Loulé, rua D. Estefânia e Entrecampos e a Av<sup>a</sup> de Berna, tornaram-se nas Avenidas Novas.

Assim a antiga Estrada de Picoas passou a designar-se como Rua de Picoas cujos limites iam até à Praça José Fontana. Também a Avenida das Picoas, tomou o nome de Ressano Garcia a 23 de Abril de 1897 em honra do projecto urbanístico, voltando a ser alterado a 6 Outubro de 1910, ficando a ser finalmente designada por Avenida da Republica.

---

<sup>95</sup>-Noberto de Araújo, in *Peregrinações por Lisboa*, Lisboa, Colecção Conhecer Lisboa, pág.79, 1990

<sup>96</sup>-*Atlas da Carta Topográfica de Lisboa 1856-1858*-Documento reproduzido no arquivo municipal de Lisboa-Dirigido por Filipe Folque para a Câmara Municipal de Lisboa. Código ISBN.972.8517-16-5

## 5.2 A criação do Bairro das Picoas

*«São declaradas de utilidade pública e urgente as expropriações dos prédios, rústicos e urbanos, compreendidos nas zonas que forem necessárias a Câmara Municipal de Lisboa para construir o Parque da Avenida da Liberdade e ruas adjacentes, paralelas ou incidente, e para abertura da avenida das Picoas ao Campo Grande e ruas adjacentes, paralelas ou incidentes..»<sup>97</sup>*

Para que se possa compreender a existência do Bairro das Picoas, é necessário antes de tudo reflectir sobre a zona e freguesia onde se insere.

De acordo com o levantamento topográfico da capital, realizado pelos engenheiros Carlos Pezerat e Francisco e Cesar Goullard, a que deram o nome de Carta de Filipe Folque (1856-18589), a zona que hoje engloba a zona das Picoas, fazia parte de uma área maior que nasceu através da formação uma freguesia que derivava de uma outra, a de Sta Justa, em 1173<sup>98</sup>. Desta freguesia que integrava uma vasta área rural a norte formada por quintas e cercas conventuais, nasce um outro pequeno núcleo que por sua vez se formou a partir da fundação de uma pequena ermida.<sup>99</sup>

Esta ermida de seu nome S. Sebastião da Pedreira foi erguida no séc XVI, por desejo e iniciativa da confraria dos Carpinteiros da Rua das Arcas, foi decisivo e motivo mais que suficiente para que ao seu redor se fosse desenvolvendo um povoamento. E este povoamento seguia ao longo de uma antiga estrada, que se pode identificar na carta topográfica e que ligava de um ponto as portas de Santo Antão e outro a Palhavã. Um século depois onde existia a pequena ermida é erigida uma nova igreja paroquial e começam a ser construídos múltiplos palácios e quintas. Construções essas que continuariam por mais alguns séculos.<sup>100</sup>

O progresso da freguesia seria tanto e tão rápido que na segunda metade do séc. XVIII, a mesma já coincidia com outras freguesias.

*«A população crescera significativamente nos finais do século e a primeira metade do séc. XVIII e, em 1755, havia já 4993 habitantes...» «....Nesta data, a freguesia estendia-se desde a rua do Chafariz de Andaluz, aos sítios da Palhavã, Rego, Campo Pequeno.....Estrada de Benfica e Vale do Pereiro.»<sup>101</sup>*

Até metade do séc XIX, poucas foram as alterações, apesar das mudanças

<sup>97</sup>-Édito de 31 Dezembro de 1864- Este decreto lei impunha as primeiras regras para os projecto de edificação. Seria revisto e modificado, sendo aprovado só oficialmente em 1888.

<sup>98</sup>-Lisboa: Freguesia de S. Sebastião da Pedreira- Maria Calado e Vítor Matias Ferreira- pág 22

<sup>99</sup>- idem anterior

<sup>100</sup>-idem

<sup>101</sup>-idem pág 24

bruscas resultado do terramoto de 1755. A única alteração que se revelaria da maior importância até para o progresso urbano da cidade, seria a abertura da estrada da circunvalação, que iria interromper e dividir a mesma freguesia em dois pontos distintos, uma área interna urbana e como disse-mos atrás uma área exterior rural.

A criação do Bairro das Picoas, deveu-se a este primeiro precedente e a outro importante precedente no moderno urbanismo: a planificação e construção das Avenidas Novas

Em resultado da projecção do traçado da avenida da Liberdade, as outras avenidas que daí surgiriam correspondiam a abordagem efectuada pelo estudo de Raquel Henriques da Silva:

*«como seu parque e o conjunto de vias divergentes, irradiando da Rotunda, espalhando-se para Norte, nascendo um novo bairro que é o das Picoas, antes de ser avenida»<sup>102</sup>*

O plano de 1888 elaborado pelo engenheiro Ressano Garcia, que era então o chefe da Repartição Técnica da Câmara Municipal de Lisboa, que determinaria o começo da expansão para norte, já há muito ansiada, tinha como linhas directivas e directivas para o efeito duas etapas. O plano compreendia dois núcleos de onde surgiria a expansão, que correspondia por um lado ao conjunto do Parque e zonas adjacentes e o conjunto que incidiria no eixo Picoas-Campo Grande.

Seguindo a teoria racionalista em que a funcionalidade viária determinava a estrutura dos eixos, muito à semelhança dos Boulevards de Haussmann e da Barcelona de Cérda, estes foram sendo desenhados e construídos.

*«Com o arranque dos transportes urbanos eléctricos em 1910, era possível garantir acessibilidade a áreas tão distantes como o Saldanha ou Entrecampos. Uma vasta rede de avenidas pode então ligar, com outra dimensão, a recém construída rotunda Marques do Pombal»<sup>103</sup>*

As Picoas foram por isso incorporadas neste desenho ortogonal, de forma não homogénea, de menores dimensões comparadas com o desenho envolvente da Avenida e do Parque da Liberdade.

<sup>102</sup>-Cit.Raquel Henriques da Silva « Avenidas Novas- 1900-1930- Lisboa, tese de mestrado, FSCH-UNL, 1985

<sup>103</sup>-José Augusto França, in Lisboa: Urbanismo e Arquitectura- Edições Biblioteca Breve, 1990



Esta área era a de maior fraqueza não só pela sua menor dimensão, como pela dificuldade de encontrar os seus limites e fronteiras.

A zona ou local das Picoas já era no entanto conhecida anteriormente. Até aos finais do séc XIX, era uma área, ainda constituída por estradas antigas e caminhos rurais que seguiam ao longo da paisagem campestre que ainda subsistia, ainda deslocada do centro.

Esta imagem idílica, de aspecto ainda pastoril e pouco tocada pela civilização, era a mesma da freguesia

Os planos de Ressano Garcia para a expansão de Lisboa, iniciada nos finais de oitocentos mantiveram , um respeito pelos traços do antigo através da manutenção dos velhos caminhos.

O projecto que resultaria nas Avenidas Novas, tinha neste sentido urbano a continuidade, o prolongamento. Estas ruas e pequenas estradas seriam desse modo englobadas na malha, passando a ser os eixos primários e secundários.

A rua das Picoas ou Avenida das Picoas passou a ser um desses eixos que teria como prolongamento o eixo Saldanha.

O elo de ligação entre eles seria a Avenida Fontes Pereira de Melo.

*« O elo de ligação entre elas é precisamente a Avenida Fontes, o que está expresso no texto da memória descritiva do plano, pois é esse o primeiro arruamento a sair da rotunda, ao contrário do que acontecia no texto do anterior plano da Avenida, é em relação a essa Avenida Fontes que os outros arruamentos são definidos. »<sup>104</sup>*

Recuando até 1886, data da inauguração do primeiro lanço da Avenida da Liberdade o projecto principal<sup>105</sup> teria incluído como instrumentos normativos o que estava planificado na planta geral, que estava dividido entre duas zonas de interesse maior: Avenida e Parque da Liberdade e o Bairro das Picoas. Nele propunha e apresentava o traçado que iria surgir sobre o tecido urbano que já existia.

*«Da Rotunda para cima, entre o Parque ladeado pela Avenida António Augusto de Aguiar e já chamada de Avenida do Campo Grande.....agora denominada de Fontes Pereira de Melo e que passava sobre a Rua de S. Sebastião da Pedreira, traçou-se o xadrez dum bairro de casas limitado ao Norte pela nova Avenida Duque de Ávila»<sup>106</sup>*

Ao mesmo tempo fazia menções as limitações das propriedades e os terrenos a expro

<sup>104</sup>-Cit.José Manuel Fernandes,, Silva, Raquel Henriques- *Lisboa de Ressano Garcia*, Lisboa, C.M.L 1989

<sup>105</sup>--Este projecto a que me refiro é o projecto da Avenida da Liberdade, estudo esse a que Ressano Garcia deu uma resposta técnica. . Cit.*Avenidas de Ressano Garcia* , Pág 2

<sup>106</sup>-Cit., José Augusto França in - *Lisboa, urbanismo e arquitectura*- Lisboa, Pág. 81, 1980

priar algo que mais cedo ou mais tarde iria acontecer a algum casario ou palacetes ai presentes.

A «*Carta Topographica da Cidade de Lisboa e seus arredores*» publicada em 1877, de Filipe Folque, já apresentava nas suas linhas gerais o que seria o projecto anterior aprovado em 1876. A rectificação, surgiria em 1884, apresentado a correcção de alguns pormenores e melhoramentos, referindo-se ao ano de 1879.

Ressano Garcia defendia este projecto, com toda a sua convicção de que seria o melhor para a cidade e para o progresso tão desejado.

A sua força continuaria a ser um farol na politica urbana municipal. As marcas deixadas pelo Partido Regenerador de Fontes Pereira de Melo, iriam continuar através da presença dos partidários do partido Progressista, onde Ressano actuava militantemente. Demonstrava-o com a sua inascedível competência e rigor e também a sua visão de multidisciplinarietà no urbanismo, apoiando uma conjunção concertada, entre as várias profissões técnicas e as técnicas de construção.

Assim de 1887 a 1889, são aprovadas várias leis e projectos a ser levados a cabo, necessárias para a execução do plano do Parque da Liberdade. Entre as leis, foram aprovados aquelas que deveria ser efectuadas de imediato, já que era necessário terreno para abertura de novas vias e dar inicio a construção anunciada.

Em 1888 é considerada de utilidade publica a nova lei de expropriações, que abrangeria os prédios que se encontrava nas zonas necessárias para a implantação do projecto do Parque, que compreendia a do Parque Eduardo VII, e da Avenida das Picoas ao Campo Grande. As Picoas como eixo mantinham a sua posição avançada.

*«O conjunto das Avenidas Novas inserido na freguesia corresponde à primeira fase da urbanização das Picoas, com quarteirões definidos por um traçada em quadricula que foi aplicado até à estrada de circunvalação coincidente com a actual Av. Duque d'Ávila»<sup>107</sup>*

A velha Estrada de Picoas que mais tarde se tornaria rua, entroncava com a actual Av<sup>a</sup> 5 de Outubro que tocava no limite o Liceu de Camões. O seu ponto de nascimento partia da Cruz do Tabuado em direcção ao Rego e entroncava na estrada das Cangalhas, hoje delimitada pela Av<sup>a</sup> Duque de Ávila.

---

<sup>107</sup>-Cit in «*Lisboa : Freguesia de S. Sebastião da Pedreira- Lisboa, Editora Caminho, págs- 40-41*

## 6 -As Avenidas Paralelas-

Norberto de Araújo, na sua obra olisipográfica «*Peregrinação em Lisboa*», descrevia da seguinte forma as Avenidas Novas:

*«... as avenidas do princípio do nosso século traçadas em Xadrez regular; guarne-  
cidas de altos prédios e de caprichosos palacetes, orladas de acácias e aliantos  
zonas onde se não topa pedra que tenha que dizer ao cunhal que tenha dado  
sombra.»*<sup>108</sup>

As avenidas por ele entendidas não eram mais que um conjunto de arruamentos diversos recheados de prédios medianos alternados por algumas outras tentativas artísticas de gosto burguês.

Seria esta a imagem que se revelaria aos olhos de muitos escritores e olisipografos, no principio do séc. XX.

Porém, mesmo que a aura das Avenidas Novas se tenha fixado nestas memórias, só deve porém a sua designação ao final anos vinte.

De acordo com a tese «*As avenidas novas de Lisboa-1900/1930*»,

*« De facto a designação «Avenidas Novas», com o sentido múltiplo que ainda  
hoje lhe conseguimos vislumbrar, surge apenas nos finais dos anos vinte.  
Significava então tanto como um espaço da cidade, uma forma de viver e  
sugere de imediato uma dada urbanística, uma certa arquitectura e um  
exclusivo grupo social.»*<sup>109</sup>

De facto estas avenidas que foram o resultado mais ou menos feliz do sonho de modernização, traduziam-se na renovada forma de sentir e viver a cidade.

*« ...Porque as Avenidas foram, como quase tudo no modernismo Lisboeta, sonho  
mais que realidade , quando não mero devaneio: grandes artérias de amplas prespé-  
ctivas onde o prazer do carro tanto como do andar a pé apelavam sensações novas...»*

*«...Ali tinha sentido o séc XX, Lisboa e porque não o país? Podiam sentir-se Europa  
, sonhar que o provincialismo e o atraso não eram recessivos...»«Os carros particulares  
o corte moderno da toilette das senhoras, o luxo dos ascensores...»*<sup>110</sup>.

<sup>108</sup>--Araújo, Norberto-in *Peregrinações em Lisboa* – Lisboa , Colecção Conhecer Lisboa , Vol.14, pág.9

<sup>109</sup>-Silva, Raquel Henriques- in *As avenidas novas de Lisboa-1900/1930*-pág.1-

<sup>110</sup>-Silva, Raquel Henriques- in *As avenidas novas de Lisboa-1900/1930*-págs 1 e 2.

As avenidas novas eram então um mundo dentro de um outro mundo definido especialmente pela arquitectura.

*«é também a arquitectura que nos permite corrigir a imagem sugerida nas crónicas dos anos 20 povoando as Avenidas Novas apenas com prédios e moradias de luxo habitados por uma burguesia abastada; as numerosas frentes de quarteirão preenchidas com prédios modestos ou ostensivamente decorados mas de má construção».*<sup>111</sup>

De facto seria esta arquitectura que de certo modo definiria as avenidas principalmente das paralelas em relação a principal. Nesse sentido diferenciava-se do resto da cidade e essa diferença também se encontrava dentro de si.

Nos princípios do séc XX, manifestava-se uma expressão revivalista no que dizia respeito a arquitectura e outras artes.

Voltava-se assim aos antigos e reconhecidos estilos portugueses renovando-os sobre outras formas. Assim nasceria o Neo-Manuelino e o Neo-Gótico. O primeiro seria mais profusamente usado, tendo como exemplos mais significativos o Palácio da Regaleira em Sintra ou o Palácio da Pena.

*«Mas se o neo-gótico português cedo se traduzira numa desinência manuelina era afinal ao neo-manuelino que o românico se substituiu. Não de chofre, porém, antes numa sobreposição lenta embora irreversível: ainda pelo princípio de Novecentos, veremos levantarem-se palacetes manuelinos- ou «manuelinhos», senão «manuelzinhos» como os baptizara Guerra Junqueiro».*<sup>112</sup>

Era mais do que natural esta inclinação pelas suas raízes históricas e pelo timbre nacionalista, a única arte realmente portuguesa.

Raul Lino afirma-lo ia para justificar esta apetência:

*«Mais do que no gótico encontra o feitio português na arte românica tanto parentesco que é ao ritmo deste estilo, após um distanciamento de três séculos que parte da arquitectura manuelina, só deve ainda inconscientemente basear»*<sup>113</sup>

O próprio Raul Lino assim como muitos dos mais conceituados arquitectos dessa altura de certa forma aceitaram esta tendência desenvolvendo-a em alguns dos mais significativos edifícios, não só por Lisboa, como por todo o país.

<sup>111</sup>--Silva, Raquel Henriques- In *As avenidas novas de Lisboa-1900/1930-* pág 5

<sup>112</sup>-França, José Augusto-In«*A Arte em Portugal no séc XIX*», Lisboa, Editora Bertrand, Vol. II Pág. 174, 175,

<sup>113</sup>-França, José Augusto-In«*A Arte em Portugal no séc XIX*», Lisboa, Editora Bertrand, Vol.II Pág.179

Este sentimento nacionalista perpassava até de forma arreigada, apoiada até como símbolo máximo dessa identidade, por arquitectos como Adães Bermudes ou mesmo Pardal Monteiro.

Parecia que de certo modo a arquitectura se cristalizara no tempo, mantendo-se entre os artistas um vínculo a tradição, reagindo com convicção ao modernismo dos anos 20. Este retorno que se manifestaria nas muitas obras era consequência do que se chamaria o problema da «*Casa Portuguesa*», assunto muito discutido entre arquitectos e que se manteria em aberto durante décadas.<sup>114</sup>

A arquitectura portuguesa balançava-se entre vários estilos muito embora os mais decididamente populares, ligados a identidade portuguesa sobressaíssem. Nos vários congressos dos arquitectos representados por Ventura Terra ou Adães Bermudes, eram colocadas várias questões sobre a arquitectura portuguesa. A preocupação principal era a dessincronia existente entre os problemas recorrentes em Portugal e que já eram discutidos quanto ao plano da estética e ao plano da técnica.

Por exemplo a «Arte Nova», bastante discutida no Congresso Internacional de Arquitectos em 1904, em Madrid, esta foi tema de bastante controvérsia, e de crítica, pela forma como era utilizada nas várias obras edificadas. Entre as várias opiniões á cerca da qualidade desta arte decorativa na arquitectura, a de Adães Bermudes, que se notabilizou como um dos expoentes deste estilo em Portugal. Como grande entendedor e utilizador deste estilo na sua forma mais pura, não se coibiu de criticar as opções menos ortodoxas de outros arquitectos. Algumas obras tinham um gosto algo discutível muito embora se auto-apelidassem do novo estilo. A ânsia da construção desenfreada juntava-se muitas das vezes a fome de reconhecimento.

*«Pseudo-artistas sedentos de popularidade julgavam que faziam arte nova misturando os estilos mais heterogéneos: japonês com gótico, egípcio com bizantino, ou torturando e contorcionando as linhas e as formas....» «ou ainda abarrotando as composições mais extravagantes ou incoerentes com tal abundância de flora, directamente copiada da «horta» que fazia lembrar o regime vegetariano, também há pouco em grande voga na terapêutica e da qual já ninguém falava.»<sup>115</sup>*

Esta confusão que Adães Bermudes tanto lamentava era consequência da do solido

---

<sup>114</sup>-França, José Augusto- in « *A arte em Portugal no séc. XIX*, Bertand , Vól.II., Pág.159,160 -1990

<sup>115</sup>-França, José Augusto- in « *A arte em Portugal no séc. XIX*, Bertand Vól.II, pág.187- 1990

quadro nacionalista e historicista transposto em todos os níveis artísticos em Portugal. Onde mais se evidenciou com mais força seria nos motivos decorativos dos prédios, muitos deles arrecadando pelo seu valor intrínseco o Prémio Valmor.

*«A nível da decoração , e só a esse, de resto interveio a «arte nova»nos prédios que se edificaram em Lisboa ou no Porto: molduras de janelas, arabescos escultóricos nas portas, um ou outro elemento inserido timidamente numa fachada neutra- e é tudo quanto se pode inventariar pelas ruas de Lisboa.»<sup>116</sup>*

Mas devemos voltar de novo à questão dominante em todo este processo artístico, a problemática da «Casa Portuguesa».

As mudanças operadas na cidade entre o final do séc XIX e o séc.XX, criaram várias interrogações e inquietações, em todos os meios, tanto culturais como artísticos e arquitectónicos.

Estas movimentações eram o reflexo das preocupações onde se debatia a identidade política, cultural e até artística e se procurava estabelecer as características essenciais da identidade verdadeiramente portuguesa. Este desejo romântico, que ali se sentia tinha como única intenção revalorizar tudo quanto era português:

*«Com raízes no séc.XIX- mas para alguns autores, com ressonâncias desde o séc XII (França- 1967)- esta inquirição cruza-se com o romantismo e o movimento Garrettiano manifestação, provocadora que aponta a nossa terra, lugar revigorante e factor de autenticidade, como matriz insuperável da Portugalidade.»<sup>117</sup>*

Os problemas da arquitectura portuguesa, ao contrário do que se passava noutros países, não eram tratados com o devido interesse e profundidade resultando num olhar superficial e num resultado também ele vago.

Essa situação, correspondia o que acontecia nas avenidas principais e nas avenidas paralelas.

Esta separação de águas era essencialmente devida a uma divisão social simbolizada na qualidade do edificado.

Se a Avenida Liberdade serviu de primeiro exemplo das novidades e de

<sup>116</sup>--França, José Augusto- « A arte em Portugal no século XIX»- Lisboa, Bertand, Vol. II, Pág191, 1990

<sup>117</sup>- França, José Augusto- « A arte em Portugal no século XIX»- Lisboa, Bertrand, Vol II. Pág. 192

estilos de construção, as avenidas secundárias serviram de laboratório. Dessa circunstância evidenciaram-se duas tipologias de edifícios, a casa personalizada e o prédio de rendimento, que se manifestaram com maior ou menor qualidade em várias avenidas, como a 5 de Outubro e a Tomás Ribeiro. Desde o projecto inicial do «Boulevard» que uniria o Passeio Público e o resto da Lisboa antiga a Lisboa Moderna, que o seu futuro estava delineado.. Consequência do progresso do traçado da avenida da Liberdade, as avenidas que daí surgiriam, já estudadas por Raquel Henriques da Silva, que nos diz:

*«A importância axial no desenvolvimento de Lisboa do projecto das Avenidas Novas deve, ainda que sumariamente, ser referenciada no quadro geral do notável crescimento da cidade nos últimos anos do séc XIX».*<sup>118</sup>

Tendo-se ultrapassado ainda que com muita luta e empenho todos os entraves, críticas e discursos inflamados, o «Plano das Zonas»<sup>119</sup>, foi resolutamente para a frente. Indícios ainda maiores seriam demonstrados pelo arranque dos transportes urbanos eléctricos, resultado do benefício do plano de electrificação, iniciado em 1902. As ligações das linhas férreas expandiram-se, conseguindo alcançar grandes distâncias entre a capital e outras partes do país e estrangeiro. Estes melhoramentos fizeram parte de um conjunto de projectos e planificações.

*«Entre os projectos de reconstrução pombalina, no século XVIII, e a acção planificadora da cidade promovida, já no século XX, pelo Eng.º Duarte Pacheco, não se encontram planos urbanísticos de conjunto para a capital do país.» «.....Contudo não se poderá dizer que na segunda metade do séc XIX e nos princípios da centúria seguinte, não tenha havido algumas tentativas de pensar a cidade e de nela intervir de uma forma concertada e com uma ideia da sua globalidade».*<sup>120</sup>

A medida tomada por João Crisóstomo, na altura como ministro das Obras Públicas, pela necessidade de legislar o enquadramento urbano, tornou-se fundamental para que fosse possível um plano de intervenção na capital.

O Decreto de 31 de Dezembro de 1864, pretendia fundamentalmente fornecer o

---

<sup>118</sup>--Silva, Raquel Henriques in *As avenidas novas de Lisboa-1900/1930* – pág.14, Lisboa 1989

<sup>119</sup>- Plano das Avenidas Novas

<sup>120</sup>-- Lisboa, Maria Helena,- in *Os engenheiros em Lisboa-* Lisboa, pág.102, 200

o enquadramento legal para a construção de estradas, tanto municipais como distritais.

Um dos pontos deste diploma também revelava a importância que se colocava a Lisboa. Nas disposições relativas as edificações dos interiores das cidades e povoados pareceu a Crisóstomo necessário para o efeito um Plano Geral dos Melhoramentos da Capital, que propicia-se não só a abertura de novas ruas e equipamentos da cidade como também a resolução de problemas relativos as condições de higiene. Plano esse que segundo as condições deveria ser elaborado por uma Comissão composta por um engenheiro e um vogal do Conselho de Saúde Pública Do Reino.

Este decreto no entanto e apesar de todas as repercussões que poderia ter tido, não foi como Maria Helena Lisboa refere in *Os Engenheiros em Lisboa-« cabalmente»* posta em prática. Situação esta causada pela crise de 1868. Não deixou no entanto e apesar deste entrave, ecos futuros.

« Sabe-se, contudo através dos ecos que ela teve no funcionamento da Repartição Técnica e na Comissão de Obras da Câmara, que as suas disposições nortearam, durante muito tempo, as intervenções camarárias na abertura de ruas , praças e jardins....».<sup>121</sup>

Assim a primeira *Comissão do Plano Geral dos Melhoramentos da Capital*, é nomeada a 24 Maio de 1865, integrando-a Pedro José Pezerat e Júlio Pereira de Carvalho. Nesta conjunção Pezerat contribuiria de forma relevante através do seu trabalho a que deu o nome de *Mémoire sur les études d'améliorations et embellissements de Lisbonne*.

A primeira comissão veio a ser extinta em 1868, mantendo-se no entanto a urgência de um plano de actuação em que se efectuassem todas as intervenções que Lisboa precisava.

Ressano Garcia reconhecendo esta necessidade defendeu com toda a veemência, a constituição de uma nova comissão que pudesse completar a acção iniciada pelo primeiro grupo de trabalho do Plano Geral da Cidade.

Era importante para ele que se tivesse um plano delineado previamente, que poderia servir de base para as intervenções a ser feitas.

«Como engenheiro e como responsável pelos serviços técnicos que iriam pôr em prática os projectos decididos pela edilidade, ele conhecia a importância de que se revestia um plano prévio.».<sup>122</sup>

<sup>121</sup>-Lisboa, Maria Helena- in *Os Engenheiros em Lisboa*- Lisboa, Editora Horizonte, pág 105, 2002

<sup>122</sup>-Lisboa, Maria Helena- in *Os Engenheiros em Lisboa*- Lisboa, Editora Horizonte, pág 111, 2002



Uma das principais medidas do Plano de Melhoramentos seguido pela nova comissão de Obras e Melhoramentos onde Ressano fizera parte mas não oficialmente dos trabalhos fora o alargamento e a rectificação de traçados de algumas ruas nas zonas mais antigas. Uma outra intenção de grande importância era a abertura de novas artérias que possibilitariam não só a ligação entre aglomerados populacionais que já existiam, mas cuja acessibilidade era diminuta e difícil.

Em 1903, Ressano Garcia mantinha a sua posição quanto a continuação do Plano de Melhoramentos, fazendo-o através da sua Memória Justificativa e Descritiva. Para além dos inúmeros problemas a resolver, mantinha-se a urgência da criação de uma rede geral de arruamentos que facilitasse a ligação entre estes e o centro da cidade.

A partir destas ideias iniciar-se ia uma série de projectos visando principalmente a zona norte de Lisboa, área em cujos melhoramentos já se encontravam oficialmente acordados.

A tese de Ressano Garcia, quanto ao Plano de Melhoramentos baseava-se na lógica de que o prolongamento da avenida da Liberdade, a primeira grande avenida, se apropriava ao que já estava delineado anteriormente.

Assim como esta avenida era a razão para a projecção de outras avenidas e outras ruas.

*« Afirmava que o objectivo que tinha conduzido à abertura dessa importante artéria tinha sido o mesmo que o levava a projectar outras três grandes avenidas e uma rua, ou seja, a ligação do centro da cidade ... com os mais importantes núcleos populacionais a norte. ».*<sup>123</sup>

As novas avenidas e artérias que se foram formando puderam colmatar o problema de falta de ligações a pontos da cidade, anteriormente só atingíveis de forma precária e acidentada.

Encurtar-se ia, por exemplo, a acessibilidade a áreas tão longínquas como a do Saldanha ou até a zona de Entrecampos.

O desenho urbano que surgiria da criação das avenidas novas, um traçado em forma de xadrez, uma espécie de coluna dorsal de onde vários eixos unem as várias avenidas e ruas, proporcionaria não só as vantagens de uma melhor circulação e aproximação do centro à periferia mas também a deslocação de serviços e comércio.

As várias avenidas e bairros não tinham na esquematização do plano a mesma dimensão ou importância. Estava escalonada em três partes distintas notando-se três

---

<sup>123</sup>-Lisboa, Maria Helena- in *Os Engenheiros em Lisboa*- Lisboa, Editora Horizonte, pág. - 2002

eixos principais constituídos pelo conjunto da Avenida que englobava o conjunto Avenida-Parque e quarteirões periféricos, o conjunto das Picoas e o conjunto da avenida da Republica.

De todos estes, o conjunto das Picoas sobressaia não só pela menor dimensão da sua área mas também pela indefinição dos seus limites e das suas fronteiras em relação as outras zonas.

Nesse sentido tanto a rua Tomás Ribeiro como a Av. 5 de Outubro integravam esta instabilidade.

A parte de S. Sebastião onde estas vias estavam integradas era como vimos, até meados de 1885 considerada zona extra-muros. Esta situação mudaria drasticamente com alargamento dos limites da cidade. Aquela freguesia que até ali se encontrava na fronteira de arrabalde passaria a fazer parte do concelho.

Mas muito antes deste avanço urbano, a freguesia já contava com vários arruamentos entre eles a Rua de S. Sebastião da Pedreira, Rua do Sacramento( hoje Tomás Ribeiro) , Estrada do Rego, Travessa das Picoas, Estrada da Circunvalação, Estrada das Picoas... Novos arruamentos surgiriam a partir de 1904, que seguiam a planta ortogonal e eixos orientadores.

Alguns desses arruamentos diferenciavam-se uns dos outros por diversos motivos derivados do estabelecimento de uma hierarquização. Dividiam-se as ruas por tipologia de habitação e de tipo social.<sup>124</sup> As vivendas dos mais ricos, da burguesia ou da classe média emergente distinguia-se dos prédios de rendimento e das casas de maior economia. Por exemplo a Rua Tomás Ribeiro contemplava a junção tanto dos prédios de rendimento com algumas vivendas. Já a Av<sup>a</sup> 5 de Outubro era constituída por vivendas e alguns prédios mais ricos de assinatura arquitectónica de prestígio, possuindo até alguns exemplos de Prémio Valmor.

Os prédios de rendimento, que acabaram por ser o modelo da maioria das edificações, revelam uma outra história do urbanismo de Lisboa, nomeadamente através

---

<sup>124</sup>-*História de Lisboa «O plano de expansão residencial fora destinado a favorecer negócios imobiliários e apropriação do território, pelas novas classes burguesas. A diferença de carácter social reflecte-se na ocupação do solo e tipos de edifícios: palacetes e prédios de andares de maior qualidade, muitos deles Prémios Valmor( nos eixos principais) outros nos secundários.»*

do aparecimento de «constructores especulativos» que se chamariam de «Gaioleiros».

*« A evolução do contexto político, económico, social e cultural do país, suscitou também importante alterações no perfil dos agentes responsáveis pela produção de novos edifícios .».*<sup>125</sup>

Desde do início da execução dos projectos das Avenidas de 1879 a 1889, e consequente desenvolvimento, integrado no plano de desenvolvimento do Plano Geral de Melhoramentos da Capital, que a edificação passou por várias fases.

A evolução do contexto político, económico, social e cultural do país, suscitou por isso importantes alterações no tipo de agentes «constructores de edifícios».

Se na primeira fase, ainda nos tempos da monarquia, eram principalmente os burgueses intelectuais e mais elitistas que surgiam como contratadores de arquitectos, constructores ou mestres de obras, entregando a execução das obras aos mesmos, pela suas qualidades e habilitações prestigiadas.

Com a implantação da República e em consequências daí resultantes, a mesma burguesia mas com menos recursos, torna-se por via das suas menores possibilidades de recursos a projectos de menor qualidade e uma menor exigência a nível arquitectónico.

*«Com a república, uma burguesia com cultura e recursos financeiros inferiores começou a reduzir a exigência dos edifícios em termos construtivos».*<sup>126</sup>

Limitavam-se a comprar lotes que eram adquiridos a prestações e que depois serviriam para construir prédios de rendimento de onde retirariam um maior lucro, das rendas.

A maioria destes edifícios eram obras dos «gaioleiros». Mestres de obras provenientes de Tomar, cuja qualidade era muito heterogénea.

Aqui cabe explicar também quais os factores que levaram os encomendadores a deixar as obras a cargo destes mestres. A expansão urbana da cidade para Norte, e o crescimento populacional, em conjunto com as várias condicionantes económicas, ( um constante problema de falta de recursos), levaram ao aparecimento de formas de construção em

<sup>125</sup>-Isabel Maria Rodrigues, in *Edifícios das Avenidas de Ressano Garcia*- documento disponível no site link: [ulisses.cml.lisboa.pt/ data](http://ulisses.cml.lisboa.pt/data)

<sup>126</sup>-- Hugo Miguel Castro Andrade, in *Caracterização de edifícios antigos« gaioleiros»*- Lisboa, Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Técnicas Universidade Nova, págs.49-50, 2011

que existia uma contrapartida entre a redução de gastos e a recuperação rápida e mais lucrativa.

*« A construção residencial revela-se uma actividade periférica a outros interesses profissionais, colocação segura de capitais amealhados por pequenos aforradares, um meio de assegurar uma fonte de rendimentos estável ou como uma reserva de valor».*<sup>127</sup>

O único problema desta vantagem, era a perda da qualidade, que nos tipos de edificação não era deixada ao acaso. Os únicos exemplos onde essa premissa não se verificava, seriam aqueles onde a execução da obra estava ao cargo e representação da Repartição Técnica da Câmara Municipal.

*«As zonas onde o processo de urbanização foi executado pela Repartição Técnica e pela Câmara Municipal, apresentavam uma melhor qualidade construtiva e uma coerência urbanística que não foi cumprida nas zonas secundárias deixadas a iniciativa privada, que condicionou toda a programação das envolvências dessas zonas.».*<sup>128</sup>

Mas o que eram então na realidade os edifícios « gaioleiros» que tão poucas virtudes pareciam ter?

Os edifícios gaioleiros ou a sua construção iniciou-se na década de 70 do Séc XIX, prolongando-se até aos anos 30, tendo o seu fim chegado com o aparecimento do cimento armado.

A designação « gaioleiro», atribuição dada primeiramente aos construtores, veio a ser atribuído posteriormente a qualidade do seu trabalho.

*«Muito do edificado dessa época, foi construído por estes construtores, sendo que, muitas vezes eram pouco escrupulosos poupando na qualidade para obterem maior lucro.*<sup>129</sup>

Os edifícios anteriores ao terramoto, não possuíam as condições de segurança devido ao modo como estavam construídos e o tipo de materiais, e também não havia essa

<sup>127</sup>- Álvaro Ferreira da Silva, in *A construção residencial em Lisboa, evolução e estrutura empresarial( 1860-1930)*- Lisboa, Revista Análise Social, Vol. XXXI, Pág. 616, 1996- [analisesocial.ics.ul.pt](http://analisesocial.ics.ul.pt)

<sup>128</sup>- Isabel Maria Rodrigues, in *Edifícios das Avenidas de Ressano Garcia*- documento disponível no site link: [ulisses.cml.lisboa.pt/ data](http://ulisses.cml.lisboa.pt/data)

<sup>129</sup>-Hugo Miguel Castro Andrade, in *Caracterização de edifícios antigos« gaioleiros»*- Lisboa, Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Técnicas Universidade Nova, pág. 50, 2011

preocupação, pois o futuro não ditava tal destruição. Após o terramoto, procurou-se obviar esta falha, na tentativa de evitar o resultado de futuras catástrofes. Era necessário a criação de um sistema que fortalece-se estruturalmente, e a melhor forma utilizada para o efeito era o sistema em madeira chamado de «gaiola».

Como acontece muitas vezes em Portugal, rapidamente, com o passar do tempo, esquecem-se os maus tempos e assim consequentemente os sistemas estruturais e construtivos deixavam de ter o rigor, que no início possuíam.

Esta situação estender-se ia até aos meados do séc. XX, através dos « gaioleiros ». Os prédios por eles construídos, revelava essa fuga a norma e ao rigor, que deviam assistir a qualquer empreendimento dessa natureza. Um dos problemas surgidos devia-se a as várias alterações a sua estrutura tanto interna com externa, nomeadamente quanto a altura, isto é tanto podia haver prédios com 3 ou 5 andares, ao desrespeito e deturpação da estrutura, enfraquecendo todo o edifício, até diminuição da qualidade da mão de obra e de materiais usados. Mas também isso tem uma explicação plausível.

*«Este tipo de edifícios surge ligado ao investimento de capital, face ao acréscimo significativo da população em Lisboa, e é marcado pela ausência da continuidade estrutural e tridimensional, onde as soluções de ligação, entre as paredes das fachadas, paredes ortogonais e pavimento, não são em geral adequadas.».*<sup>130</sup>

Paralelamente às construções dos « gaioleiros » surgiam outros edificadores, que o faziam por conta própria e a sua própria responsabilidade.

*« Outra das situações que nessa época ocorria frequentemente era o facto de serem os próprios proprietários dos solos urbanos os responsáveis pela edificação do edifício. Para muitos era uma actividade completamente marginal, o que revela também a pouca especialização que existia na construção dos edifícios. Esta situação acontecia devido ao facto de o capital necessário para iniciar a actividade como construtor, não ser elevado.»..« era uma forma de criar uma fonte de rendimento, através de arrendamentos a longo prazo, garantindo o investimento de poupanças de forma bastante segura.».*<sup>131</sup>

<sup>130</sup> --Nuno Adriano Leite Mendes- in *Redução da vulnerabilidade sísmica de edifícios antigos de alvenaria* -Lisboa, Fundação para a Ciência e Tecnologia, págs. 5, 2004

<sup>131</sup> - Hugo Miguel Castro Andrade, in *Caracterização de edifícios antigos« gaioleiros»*- Lisboa, Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Técnicas Universidade Nova, pág. 50, 2011

Estas duas tipologias de construção sofreriam um decréscimo na década de 1920, já que a crise política, económica e financeira atingiria os mestres construtores e também empresários. O aumento da inflação não permitia um reflexo positivo nos preços de venda. Estes entraves económicos revelar-se iam funestos para a construção, diminuindo muito esta indústria. Ao mesmo tempo a qualidade, também era cada vez pior, já que os materiais utilizados também não eram da melhor qualidade. Finalmente, com a revolução iniciada pelo uso do betão armado, a actividade é retomada, mas agora com maior qualidade e diversidade.

O que se manteve até aos nossos dias da tipologia dos gaioleiros, são os muitos edifícios das avenidas, caracterizadas por uma liberdade de formas,( longe da rigidez dos prédios pombalinos, de linhas geométricas e homogéneas), verificando-se as mudanças nas fachadas.

*«As formas variadas das janelas e cantarias e a utilização de frisos, cornijas e elementos escultóricos em várias partes do alçado são características desse facto.»<sup>132</sup>*

Fica no entanto claro, que as avenidas novas e a sua arquitectura, o seu edificado, representam no seu todo uma nova cultura arquitectónica, de variados cambiantes e cuja a individualidade, e personalidade é única na cidade de Lisboa, e que continua em mutação continua até aos nossos dias.

---

<sup>132</sup>-- Hugo Miguel Castro Andrade, in *Caracterização de edifícios antigos« gaioleiros«*- Lisboa, Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Técnicas Universidade Nova, pág. 50,

## 6.1- Construção da Rua Tomás Ribeiro ou a antiga Rua do Sacramento

De acordo com edital da Câmara Municipal de Lisboa 1903, a hoje Rua Tomás Ribeiro era anteriormente designada como Rua do Sacramento.

*«Por deliberação do edital da Câmara Municipal de Lisboa de 14 de Março de 1903 e 17 de Abril de 1907, a antiga rua do Sacramento, que era a continuação da Estrada da cruz do Tabuado, a esquerda vindo da Rua Gomes Freire, que começava na esquina da rua do Chafariz do Andaluz e finda no Largo de S. Sebastião da Pedreira, passou a denominar-se Tomás Ribeiro».*<sup>133</sup>

A história desta rua que mudou de nome nos princípios do séc.XX, diz respeito às mudanças efectuadas pelo plano das Avenidas Novas.

Como o resto da zona das Picoas, composta pelas vias principais encabeçadas pela rua principal de S. Sebastião da Pedreira a antiga rua do Sacramento era uma rua onde se mantinham ainda vestígios de um dia rural com um ou outro palacete ou casinha, um convento e uma igreja.

Com o plano das avenidas novas aprovado e o desenho das novas avenidas traçada a lei das expropriações foi posta em prática. Era necessário a obtenção dos terrenos para que o projecto pudesse ser efectuado.

A nova lei de expropriação sancionada em 1888, que seria aplicada exclusivamente aos prédios das zonas necessárias à execução do Parque da Liberdade e da Avenida das Picoas ao Campo Grande, não deixou de apesar da perda de alguns bens dos proprietários acautelar os seus interesses.

A forma como seria feita a expropriação e a declaração de direitos seguiria vários preceitos:

*«1- Viabiliza-se a expropriação por unidade pública de uma faixa anexa e exterior ao perímetro dos espaços públicos, até um limite de 50m2.*

*2-Aos proprietários, sujeitos a expropriação, concede-se o direito de preferência na execução das obras projectadas, com a imposição de cumprirem o prazo fixado pelo Governo...».*<sup>134</sup>

<sup>133</sup>—A evolução de uma cidade- Celestino da Costa, Vol II C.M.L 1962, PAG 31, 32,24

<sup>134</sup>—Cit.de «Lisboa de Frederico Ressano Garcia»(1874-1909), José Manuel Silva , Raquel Henriques, Lisboa

Os terrenos que constavam do plano das avenidas e que eram de interesse público, englobavam a parcela situada entre a Estrada de Picoas e a rua das Cangalhas e faziam parte da propriedade da Condessa de Camarido <sup>135</sup>, um dos intervenientes do processo de expropriação e interessado no acordo com a Câmara Municipal.

*«Troca de Casas e terrenos, etc., situados na estrada das Picoas e rua das Cangalhas entre esta Câmara e Dona Maria Isabel Freire d'Andrade e Castro(Camarido) para a abertura de novas ruas para o projecto da zona»...*

*«Domingos Pinto Coelho , casado, advogado morador nesta cidade na rua do Patrocinio , n.º19, outorgando em nome da excelentíssima senhora ,Dona Maria Isabel Freire d'Andrade.....»*

*«.....Que em sessão de 18 Março último a Comissão da Administração do Município de Lisboa, deliberou aprovar o accôrdo com a com a constituinte do 2º outorgante..»«A 2ª zona necessária para valorizar os terrenos já adquiridos e dar-se seguimento às áreas projectadas na conformidade do decreto de Outubro de 1889.»*

Por seu lado a Câmara oferecia uma contrapartida:

*«A Câmara cede á constituinte.....as casas situadas na estrada das Picoas, n.ºs 5 e 7 e o terreno contiguo.....designados no palacete que fica fazendo parte d'esta scriptura.».*<sup>136</sup>

O acordo efectuado entre os dois participantes e interessados daria início à construção das novas ruas, sendo neste caso, o projecto para a Rua Tomás Ribeiro.

O palácio oitocentista da Condessa de Camarido, que fora erguido de frente para a antiga Estrada das Picoas, passava agora a ficar rodeado pelas novas vias. O seu largo jardim ficou a olhar para a nova rotunda, enquanto que dos outros lados apareciam a Av. 5 de Outubro e a Av. Praia da Vitória.

O palácio ficava no cruzamento destas avenidas sendo ele por seu lado o leito da própria avenida.<sup>137</sup>

<sup>135</sup>--A condessa de Camarido- D. Maria Isabel Freire de Andrade e Castro Sousa Falcão era «descendente do 1º Conde de Morgado das Picoas .....pois por aqui possui largos tratos de terrenos», possuía o Palácio das Picoas. C.M.L 1989

<sup>136</sup>--Cit.do documento da C.M.L-Direcção dos serviços de Urbanização e obras de 07/05/1903-Expropriação de parcelas 15 A da 2ª Zona e 6 da 1ª zona -Condessa de Camarido

<sup>137</sup>-A condessa de Camarido, Dª Maria Izabel Freire de Andrade e Castro Sousa Falcão era« descendente do 1º Conde de Morgado das Picoas ....pois por aqui possui tratos de terrenos.».



O mesmo processo serviu também para a obtenção de outros terrenos de outros proprietários e herdeiros. De acordo com os registos da Câmara Municipal de Lisboa, as expropriações foram feitas de forma faseada, sempre tendo em conta as linhas mestras do projecto.

A primeira parte a ser expropriada, terá sido tanto quanto está documentada em 1894. Estes terrenos que se situavam na antiga Rua do Sacramento pertenciam aos herdeiros de Carlos José Barreiros, estavam bem identificados no primeiro levantamento cartográfico da cidade, por Filipe Folque.

A abertura da nova rua cuja construção oficialmente se concretizou em 26 de Fevereiro de 1901 as muitas expropriações e trocas de casa e terrenos que tão bem se pode inferir dos inúmeros contratos entre os herdeiros proprietários e a Câmara. Entre 1889 e 1908 a rua Tomás Ribeiro, antiga do Sacramento começou a urbanização já anteriormente projectada.

Lado a lado com algumas memórias de tempos passados, novos prédios se foram edificando.

No traçado irregular que prolongava a Rua de S. Sebastião da Pedreira, conjugava-se ainda edifícios de notável qualidade arquitectónica, com palacetes seculares.

*«O edifício mais vetusto é, porventura, a casa seiscentista com o nº 250, torneando para a Rua Tomás Ribeiro, característico exemplar da arquitectura civil do «estilo chão»..  
«Esta casa pertenceu, no século XVIII, aos Senhores de Murça».<sup>138</sup>*

A rua Tomás Ribeiro, padecia do mal das avenidas ou ruas paralelas, que em comparação com as avenidas principais era expressivamente mais modesta, principalmente quanto a sua arquitectura. Os poucos exemplos de um nível mais elevado de edificação espelhavam-se em prémios de arquitectura como o Prémio Valmor.

Entre os muitos prédios de rendimento de gosto mediano, parques em pormenores decorativos ou invulgaridades, foram sendo integrados edifícios de arquitectura mais elaborada fugindo desse modo aos traços mais simplistas.

---

<sup>138</sup>--*Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa*- Segundo tomo, edições da C.M.L, Lisboa, 1979

Revistas da altura como a *Ilustração Portuguesa* a *Construção Portuguesa* e de forma mais científica a *Architettura Portuguesa* <sup>139</sup>, iam documentando as novas criações arquitectónicas e ao mesmo tempo servindo os propósitos dos arquitectos promovendo o seu trabalho e principalmente o seu reconhecimento no panorama artístico português.

A Revista *Architettura Portuguesa*, seria no entanto a maior fonte de informação sobre as criações que pelo seu valor obtiveram se não o 1º prémio, uma menção honrosa. No ano de 1909 foi a vez do edifício projectado pelo Arqto. António C. Abreu sito na Avenida Tomás Ribeiro que obteve uma menção honrosa. <sup>140</sup> A peculiaridade desta obra, que foi demolido em 1954, devia-se ao desenho arrojado e a decoração neogótica e neo-manuelina principalmente nos remates das empenas e nos varandins.

*«O auctor do projecto fez um arreglo feliz da architettura do séc XV, dando graciosidade ao conjunto saindo como habilidade do brilho que as architetturas clássicas offerecem na prática para casas para habitação.»*.<sup>141</sup>

Este edifício correspondia sem dúvida às linhas mestras ditadas pelo prémio Valmor, ao adaptar o estilo renascentista na decoração e nos remates, ao mesmo tempo que mantinha a sua expressão mais portuguesa e ainda aos resquícios do século anterior ainda muito ligado aos ideais do romantismo principalmente aos estilos adoptados na arquitectura.

Este edifício correspondia ao que estava a acontecer no âmbito da arquitectura portuguesa após a explosão criativa proporcionada pela abertura das avenidas novas.

O período que acompanhou a nova era urbana iniciou-se com uma profusão de ideias e projectos muitas das vezes impraticáveis pelas monumentalidade e até fantasia, pouco adequados a realidade urbana.

Estes «sonhos» seriam substituídos pelos projectos mais realizáveis, mais concreti-

<sup>139</sup>--A revista *Architettura Portuguesa*, era uma publicação mensal que reflectia sobre a temática da arquitectura em Portugal. A revista *Construção Portuguesa* já se ligava mais as técnicas de engenharia. A *ilustração Portuguesa* era uma revista também ela de tiragem quinzenal que tratava de vários acontecimentos no país e mais principalmente Lisboa

<sup>140</sup>-Revista *Architettura Portuguesa*, edição dos anos 1908-1919. Hemeroteca de Lisboa, [hemerotecadigital.cm-lisboa.pt](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt)

<sup>141</sup>-Revista *Architettura Portuguesa*, edição dos anos 1908-1919, [hemerotecadigital.cm-lisboa.pt](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt)

záveis e mais de acordo com as verdadeiras necessidades da cidade. A partir de 1895, Lisboa começava a ser equipada com vários hospitais, entre eles a Maternidade Alfredo da Costa, cuja construção se iniciou quase após a expropriação de terrenos mas que terminou já bastante tarde<sup>142</sup>, o Liceu Camões, o Palácio da Justiça e o da Escola Médica.

Os novos prédios que inundavam as avenidas constituíam o outro lado da arquitectura, campo fértil para o estudo das novas técnicas de construção e de aplicação de estilos. O cimento armado e o seu uso era problemática constante apesar de ser um material bastante usado, nas novas edificações.

Para alguns arquitectos este novo processo era considerado «tabu», algo que para Adão Bermudes era um problema de índole portuguesa, na sua determinação em manter-se apegada as técnicas e sobretudo materiais tradicionais.

*«Os mil recursos que as indústrias e os novos elementos oferecem aos arquitectos estrangeiros são letra morta para nós(...), limitados quase a pedra de lancil e perpeanho à tábua de três fios, ao tijolo barro e a barrinha de meia polegada.»<sup>143</sup>*

De forma já diferente e mais contida era o edifício da Rua Tomás Ribeiro, que constava de um prédio de rendimento com sobreloja. Esta obra projectada pelo arquitecto Miguel José Nogueira que fora premiada com o Prémio Valmor de 1916, valorizava-se pelo mérito da solução encontrada na utilização do gaveto. E também pela sobriedade decorativa que se pautava pela singular simplicidade da ornamentação naturalista encontrada nas folhagens do frontão e das varandas. Implantada de forma a poder unir os dois extremos das ruas, revelava-se um trabalho de inusitada dificuldade que foi habilmente resolvida.

<sup>142</sup>-A demora da construção da Maternidade Alfredo da Costa, deveu-se sem dúvida a circunstância de uma cidade onde se acumulavam novos projectos e eram inúmeras as encomendas e concursos, O tempo que levava a aprovação do projecto e a execução da mesma prolongava ainda mais esse compasso de espera«*Construía-se pois na capital- e os edifícios dum novo equipamento que satisfizesse as necessidades de uma sociedade em evolução e em progresso eram objecto de encomendas ou de concursos. O Pálacio de Justiça..., uma maternidade, mercado da Ribeira ...tudo isto se processou em quinze anos. Ou se começou, para muito mais tarde poder ser acabar como a Maternidade Alfredo da Costa..*» José Augusto França- *A Arte em Portugal-no sécXIX*- Lisboa , Editora Bertrand , Vol II, págs, 132-133, 1990.

<sup>143</sup>-Cit.Ret- de *A arte em Portugal no Séc.XIX*- José Augusto França- Lisboa, Editora Bertrand, Vol.II, Pág 128 1990.

A originalidade devia-se também à expressão colocada pelos pormenores de decoração e a sua fuga aos clichés historicistas.

*«de uma construção onde da dificuldade do gaveto se soube tirar partido estético e distribui-la com grande harmonia e grande efeito de forma, levado até ao feliz remate criativo.»<sup>144</sup>*

Muito ao contrário do que acontecia nas principais Avenidas Novas consideradas por muitos um falhanço em termos de planos de pormenor, e a constatação de que não correspondiam aos sonhos de uma riqueza arquitectónica dos Boulevards de Paris.

---

<sup>144</sup>-Cit. Ret. Do Parecer do Juri do Prémio Valmor , 12 Junho de 1911.

## 7- A avenida 5 de Outubro

« No conjunto das Avenidas Novas, a Cinco de Outubro constitui, como já anteriormente sugerimos a mais coerente em termos do que poderemos considerar o gosto médio desta área da cidade»<sup>145</sup>

A avenida cinco de Outubro antes chamada de António Maria de Avelar, em honra do engenheiro agrónomo projectista de quase todo o arvoredo das avenidas, era um caminho rural, facto atestado pelas fotografias tiradas testemunhando a passagem de carroças sobre um terreno a ser aplainado.<sup>146</sup>

Oficialmente esta avenida que cruzava no início a Avenida Fontes Pereira de Melo, adoptou o nome actual por deliberação camarária em 1910.

Muito contrariamente ao que Norberto Araújo considerava, classificando as avenidas novas como um aglomerado insípido «*Nas Avenidas Novas não se topa-va prédio que tenha que dizer ou cunhal que tenha dado sombra*», das avenidas paralelas ou secundárias em relação as avenidas principais, a Cinco de Outubro distinguia-se principalmente pela arquitectura e o tipo de edificado.

A sua construção fez parte dos planos traçados por Ressano Garcia, em que se estabelecia a partir de um eixo uma bi-direccionalidade. Se por um lado se traçava uma linha que surgia da Rotunda para cima entre o Parque e a antiga Avenida do Campo Grande, transpondo a Rua S. Sebastião da Pedreira e desenhando a partir um xadrez de edificações, que desaguaria na actual Avenida Duque D'Ávila.

Na direcção contrária surgiriam duas avenidas, que na continuidade tocaria o Campo Pequeno. Também em oposição ao primeiro eixo Ressano Garcia pode desfrutar de uma maior liberdade e maior amplitude da sua visão de expansão.

«*Dai para cima, a caminho do Campo Grande, maior liberdade teve Ressano Garcia, de um lado e do outro da «sua» avenida, ladeado paralelamente por outras duas, a poente a de António Maria de Avelar...e a nascente a Pinto Coelho.*».<sup>147</sup>

A Avenida Cinco de Outubro, distinguia-se desde logo não só pela sua planifi-

<sup>145</sup>--Cit. Retirada da tese «*As avenidas novas de Lisboa-1900/1930* – Raquel Henriques da Silva, FSCH ,Lisboa , S.N 1984

<sup>146</sup>-Foto intitulada«*Estrada rural e mercado dos gados antes da abertura do último troço da Av. Cinco de Outubro*, Lisboa -Arquivo Joshua Benoliel em anexo.

<sup>147</sup>-José Augusto França, *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*- Lisboa, Biblioteca Breve, pág 80, 1990

-cação e pela sua vocação mas também e de forma mais importante pela tipologia arquitectónica e a sua importância no urbanismo.

Em comparação com outras avenidas, e até em comparação com a Rua Tomás Ribeiro, a Avenida Cinco de Outubro correspondia em termos habitacionais e artísticos ao gostos dessa época, ainda muito embebidos nas artes decorativas e resquícios de Arte Nova.

Estas características arquitectónicas foram transpostas no que dizia respeito ao edificado predominando nas pequenas vivendas e num ou outro edifício público.

*«Nos anos 20, em que se constrói ainda activamente.... a tendência na Cinco de Outubro para uma certa cristalização de modelos manifesta-se plenamente; sobretudo no espaço mais aberto à pessoalização que é a casa individual. Se o palacete de gosto sóbrio e tradicional cede finalmente a composições menos puristas».*<sup>148</sup>

De acordo com esta leitura de Raquel Henriques da Silva, a avenida 5 Outubro, distingue-se significativamente das demais não só em termos de situação geográfica mas também em relação a qualidade arquitectónica constatada principalmente nas obras em que se coloca em foco a pessoalização e a individualidade.

A outras tipologias contrariam essa tendência, através da simplificação versus sofisticação.

De facto a expressividade artística desta avenida é sem dúvida a constatação da liberdade de criação emprestada pelos mais conceituados artistas e arquitectos do panorama não só nacional como internacional influenciada pelos ventos parisienses e ainda um tanto fixada aos classicismos ainda que com algumas novidades bem portuguesas.

A qualidade com que se dotou alguns destes edifícios foi determinante não só para a o enriquecimento da área como para a a classe dos arquitectos.

A instituição do Prémio Valmor que só seria efectuada oficialmente em 1902, ( muito embora a Câmara o tenha tentado fazer muito antes em 1888), veio efectivamente premiar a qualidade com que se dotaram as obras edificadas e atribuir o devido valor a classe dos arquitectos.<sup>149</sup>

<sup>148</sup>-Silva, Raquel Henriques- «*Avenidas Novas de Lisboa-1900/1930*», Lisboa, pág. 164

<sup>149</sup>-[premiosvalmor.blogspot.com](http://premiosvalmor.blogspot.com)

Vinculado aos atributos necessários para a consagração do prémio, que nas palavras do próprio regulamento eram especificadas:

*« Do mais belo prédio ou casa edificada em Lisboa, com a condição porém, de que ele tivesse um estilo clássico, grego ou romano, romão gótico ou da renascença ou algum tipo artístico português, enfim um estilo digno de uma cidade civilizada».*<sup>150</sup>

foram nascendo palacetes e prédios de rendimento assinadas por Norte Júnior ou Raul Lino ou Ventura Terra, definindo os gostos da época e o carácter burguês dos encomendadores.

*«Na Avenida, alguns prédios se iam construindo então com teor estilístico ao mesmo tempo que, nas Avenidas Novas, moradias dos melhores arquitectos se erguiam, pontos mais elevados ou «jóias» de uma situação que assim devia definir qualitativamente, para além do significado estatístico da massa anónima das edificações».*<sup>151</sup>

Neste desenlace a avenida viu-se agraciada por alguns prémios do consagrado atributo de valor iniciado pelo Visconde de Valmor.

Destacar-se ia por mérito próprio a Casa Malhoa, que no dizer do artigo da revista *Architettura Portuguesa* era:

*« A casa artística indica bem que é uma mansão de um artista pintor, e a concepção de outro também grande artista, o arquitecto Norte Júnior.».*<sup>152</sup>

Agraciada com o Prémio Valmor em 1905, no mesmo ano que foi erguida, esta casa-de-artista, integrava-se perfeitamente no plano de crescimento urbanístico e nos preceitos estilísticos característicos a muitos outros edifícios premiados. Este edifício que o arquitecto Raul Lino desenhou, sintetizou na sua complexidade arquitectónica as correntes artísticas que dominavam a arquitectura portuguesa do início do século.

Assim num só local é possível encontrar como é o caso de algumas decorações do seu interior a temática do neo-românico, espelhados nos colunelos e capitéis e

<sup>150</sup> -Citação retirada do Testamento do Visconde Valmor. Serviria para regulamentar o Prémio por ele instituído.

<sup>151</sup>-Cit.retirada de *«A arte em Portugal no Século XIX»* José Augusto França, Bertrand Editora, pág. 127, 1990

<sup>152</sup>--Cit. Ret. Do artigo publicado na revista mensal *«Architettura Portuguesa»*, Lisboa, Anno II, Fevereiro, 1909

nos frontões. É bem evidente neste caso a recriação da Casa Portuguesa, especialmente na cobertura com a tradicional quatro águas e em outros elementos como o ferro forjado e cantaria.

Por outro lado, um gosto bem mais eclético, mostrando os gostos adquiridos pelo autor a quando a sua formação parisiense. As Beaux-Arts estão presentes na decoração do frontão, através das grinaldas e flores delicadas. E ainda o Novo Estilo gosto que ainda não deixara por completo o nosso país, e que de facto chegara tardiamente visível nos ornamentos azulejares, vitrais e outras estruturas.

Os estilos revivalistas ainda seriam observáveis nas decorações escultóricas, numa volta aos maneirismos renascentistas.

*«É a habitação sonhada de um grande artista e para a feliz realização d'esse sonho concorreram no mesmo impulso de arte em uma cooperação harmoniosa e amiga de outros artistas».*<sup>153</sup>

A colaboração artística deste edifício estendeu-se também as outras disciplinas tendo como elementos de maior importância a de António Ramalho e de José Malhoa, símbolos maiores da pintura portuguesa daquela altura.

*« Na decoração deste notável edifício participaram os pintores António Ramalho e José Malhoa que forneceram os modelos executados pelo pintor decorador Eloy. A parte escultórica é devida ao escultor Costa Mota e a serralharia artística, a Vicente Joaquim Esteves. ».*<sup>154</sup>

Congregava em si as várias influências e estilos ainda tão presentes numa Lisboa de princípio de século, principalmente pela ainda permanência da Arte Nova, que ao contrário dos outros países europeus já se começara a despedir.

Assim neste convergência de tipologias mas de forma harmoniosa, conjuga-se sem pudor a Arte Nova através do ferro forjado e elementos neo-romantismo e uma persistência do espírito da casa portuguesa.

*«O prémio instituído em legado pelo benemérito Visconde de Valmor a melhor habitação que em cada ano se fizesse em Lisboa, combinando justamente e sem discrepância em 1905 à casa do insigne pintor José Malhoa e a lápide identificativa lá está na fachada que pouco tem sentido estímulo aos proprietários que em geral pedem para as suas casas de renda própria tudo menos a boa estética e arte nas fachadas. No entanto alguma coisa não tivemos seria a de despertar o gosto pelo bello».*<sup>155</sup>

<sup>153</sup>-Cit. Ret. Do artigo publicado na revista mensal «Architettura Portuguesa», Lisboa, anno II, pág 1, 1909

<sup>154</sup>-- Cit. Ret. Do artigo publicado na revista mensal «Architettura Portuguesa», Lisboa, anno II, pág 1, 1909

<sup>155</sup>-Angelina Vidal in *Lisboa Antiga e Lisboa Moderna*-Lisboa, Editora Vega, Ano II nº2 Lisboa, pág 1994



Entre muitos outros exemplos de gosto médio a ainda a destacar o palacete Silva Graça, que apesar de um gosto exuberante mas um tanto racional nas suas linhas ao gosto crescente dos anos 20 e ainda mais a moradia de Pardal Monteiro com a sua atitude já mais vanguardista na sua expressão arquitectónica, a maioria identifica-se com a média de outros locais das novas avenidas.

Para além dos edifícios premiados com os Prémios Valmor ligados a tipologia habitacional, também houveram outros elementos cujo valor simbólico e arquitectónico potencializaram a importância de determinado local. No caso dos equipamentos públicos não se podia deixar de tomar em atenção à Maternidade Alfredo da Costa, um dos muitos e importantes projectos de Ventura Terra.

A sua história que se demonstraria longa, iniciou-se na mesma altura a que se dava início ao plano das avenidas novas, partindo da doação de terrenos pertencentes a Condessa de Camaride, sendo que a sua intenção não era propriamente a de colocar naqueles terrenos um equipamento hospitalar mas sim um templo dedicado a Nossa Senhora da Conceição. Projecto este que nunca se chegou a concretizar muito por causa da irrupção da República que questionou desde logo os propósitos dos poderes clericais, ordem a que os republicanos colocavam se não muitas reservas, alguma intolerância.

Caberia ao arquitecto Ventura Terra, projectar uma obra que serviria as prementes necessidades públicas, um equipamento que pela sua utilidade serviria não a religião mas a saúde.

*«Tal como a Maternidade Alfredo da Costa, planeada em 1908 (e só terminada em 38), edificio modelar, no seu tempo, primeira construção de raiz dum novo equipamento hospitalar que só muito mais tarde progrediria.»<sup>156</sup>*

O seu projecto, entre muitos, neste sentido de serviço publico correspondiam a uma idealização realista das necessidades da cidade e a quebra com as muitas fantasias e ideias irrealizaveis dos fins do séc XIX e princípios do séc XX. O entusiasmo proporcionado pela abertura da avenida e pelos inúmeros planos de melhoramentos da cidade foram porta aberta para a apresentação de sonhos ambiciosos. Por todo o lado surgiam propostas para elevadores que unissem

---

<sup>156</sup>-França, José Augusto- in A arte em Portugal no século XIX- Lisboa, Bertrand Editora, pág. 152, 1990

zonas tão distantes quanto dispares. Largas avenidas e intrincados jardins ao gosto romântico eram traçados e nunca aprovados. No seu todo, o delírio de monumentalidade que em Paris não seria desproporcionado mas que para Lisboa pareceria excessivo.

Assim com a aprovação camarária deu-se início no ano de 1912 a um dos mais importantes projectos e equipamentos públicos desenhados por esse reputado arquitecto. A tipologia arquitectónica utilizada possuía muitas semelhanças com os outros equipamentos sobretudo pela imposição de uma fachada nobre de grande axialidade, em que as cantarias e vãos consistiam num desenho estilizado e muito influenciado por um gosto historicista muito em voga naquela altura e ainda o retorno aos estilos clássicos nomeadamente o uso do neo-românico.

Esta obra que se prolongaria por muitos anos, arrastamento temporal forçado pelos acontecimentos marcantes da 1ª Guerra Mundial, só conheceria a sua inauguração oficial praticamente 28 anos depois.

De facto a guerra levou a uma crise política, e ainda mais a uma crise económica e financeira que se tornou numa fase não muito positiva para a indústria da construção. Sofria-se nas avenidas uma mudança significativa que se traduzia numa inflação descontrolada e a precariedade das construções pelo uso de materiais de má qualidade.

A escassez monetária fez-se sentir não só simplificação de formas arquitecturais, incluindo a escassez de decoração, como também na qualidade de materiais.

A partir dos anos trinta, a corrida às construções para corresponder a necessidade de progresso promovido pela política do Estado Novo, proporcionaria a investida de algumas empresas de construção que se prodigalizaria na continua edificação onde o material de escolha preferido seria o do betão armado.

*« O pós-guerra leva a inflação descontrolada e a aplicação de materiais de má qualidade o que conduziu ao declínio da construção civil». «A aplicação de betão surge em edifícios industriais, generalizando-se já nos anos 30 nas habitações».*<sup>157</sup>

De acordo com a tese de Raquel Henriques da Silva, a designação de Avenidas Novas com todas as suas características e atitudes é só determinada

---

<sup>157</sup>--Carlos Alho in A Evolução das Morfologias Urbanas de Lisboa de 1850 – 1950- Faculdade de Arquitectura Universidade Técnica de Lisboa—Lisboa pág.2-3

nos fins dos anos vinte. Esta afirmação integra em si não só o espaço criado, mas também tudo aquilo que constitui a sua personalidade, seja ela social ou artística, sendo que a esta última deve-se mais importância.

Um dos aspectos mais importantes é a simbologia de modernismo. O projecto iniciado com o prolongamento do Passeio Público, já tinha como pressuposto o progresso há muito desejado e já conseguido noutros países da Europa.

Este progresso dar-se ia através da expansão urbana, processo que levaria a a revitalização de espaços e abertura de outros.

Parecia sem sombra de dúvida que a cidade de Lisboa entrava nos meandros do futuro, através das manifestações artísticas dos seus edifícios e das muitas vias de comunicação. No entanto a modernidade ambicionada parecia padecer de uma certa ilusão.

*«...porque as Avenidas Novas foram como quase tudo no modernismo lisboeta, sonho mais que realidade, quando não mero devaneio: grandes artérias de amplas perspectivas onde o prazer do carro tanto como do andar a pé apelavam sensações novas».<sup>158</sup>*

No entendimento de H. da Silva poder-se ia retirar a ilusão de que apesar de todo o seu peso na história urbana moderna as Avenidas Novas não se conseguiram impor face a antiguidade de uma Lisboa secular.

De facto era impossível que lado a lado o modernismo construído de raiz pudesse esquecer a Lisboa ancestral, com os seus costumes, hábitos e tipos sociais e também a sua antiga história urbana.

Ressano Garcia, muito antes de proceder ao processo de expansão compreendia bem a força do passado e tendo consciência dessa situação, procurou a o equilíbrio.

---

<sup>158</sup>-Raquel Henriques da Silva, in *As Avenidas Novas de Lisboa : 1900-1930*- Lisboa, tese de mestrado Universidade Nova de Lisboa, 1986

## Conclusões

A dificuldade de um estudo, seja qual for o motivo é chegar a uma conclusão única, já que as respostas são muitas e mesmas estas continuam colocando mais perguntas. Este é precisamente o caso do Bairro das Picoas.

Seria mais fácil, descrever uma freguesia de Lisboa, como por exemplo a Alfama ou Mouraria ou até o Bairro Alto, pois a história da cidade esta bem recheada de factos e memórias desse passado, demonstrado por sua vez na sua forma urbana. Maior legado não há.

Outras freguesias pela sua juventude e história mais curta, são mais complexas, mais necessitadas de uma pesquisa por vezes indirecta, pois que alguns factos comunicam necessariamente com outros.

A história do Bairro das Picoas, sugere-nos esta última faceta. Os dados oferecidos, são aqueles que nos chegam através da documentação cartográfica em que se apoia muito do seu reconhecimento, a identificação do seu espaço e da forma como se foi modificando, e a informação escrita, esta mais difícil de encontrar a não ser por uma pesquisa a outros assuntos que se refiram ao assunto mas de forma indirecta.

A sua história é de certa forma recente, muito embora sejam diversos os vestígios de mais de três séculos que nos dão conta da sua existência.

Livros, artigos e crónicas civis e até militares teimam em indicar a presença de sítios, pontos estratégicos e até estradas que tomam ou tomaram o topónimo Picoas. Obras Olissipográficas, principais fontes onde se vai beber a história da cidade de Lisboa, também fazem sentir, a marca deste local.

Ao se estudar a freguesia de S. Sebastião da Pedreira, a tal forma indirecta não consegue deixar de referir essa pequena área, que mais tarde serviria de ponto de partida para a revolução urbana mais importante dos fins do século XIX e princípios do séc XX.

Ponto estratégico para a vigilância militar, ponto de fiscalização de entrada e saída de pessoas e produtos, como tão bem se encontra descrito, na *Colecção oficial de legislação de Portugal*. Na linha da circunvalação ponto principal da fiscalização

externas, uma das barreiras, onde se expediriam os bilhetes de entrada, situava-se em S. Sebastião da Pedreira e o Forte das Picoas.

*« Art.73º- A linha de circunvalação é o ponto principal da fiscalização externa, na qual se seguirão estritamente as disposições contidas nos artigos seguintes.»*

*Nº 2 – As barreiras por onde se hão de expedir os bilhetes de transito são as seguintes: da Cruz da Pedra, Calçada da Penha....Arco do Cego, Forte das Picoas, S. Sebastião da Pedreira».*<sup>159</sup>

Local estruturador para os planos visionários de engenheiros como Peserat ou Ressano Garcia, as Picoas parecem também ter um papel de grande importância que não se pode negar.

*«O crescimento da cidade para norte no séc.XIX, foi decisivo para a alteração do perfil inicial. A urbanização das Picoas até ao Campo Grande transformou completamente a imagem dando-lhe uma fisionomia urbana e cosmopolita.».*<sup>160</sup>

De facto, desde cedo que as Picoas ou a sua localização na cidade de Lisboa, serviriam as intenções principalmente as de expansão.

A par do eixo principal constituído pela Avenida da Liberdade, ponto principal do início do prolongamento para Norte, outros eixos se perfilavam como linhas estruturantes, do que viria a ser o axadrezado das avenidas novas. Em todos os planos e projectos apresentados a Câmara incluíam-se sempre vários cenários que por sua vez inseriam a zona do Bairro das Picoas.

Mas como se pode caracterizar esta zona cujo nome é o Bairro das Picoas? Que então conclusões é que se pode chegar?

Correlacionando com a ideia de individualidade colocada por Júlio de Castilho quanto ao Bairro Alto, este bairro, é uma estrutura urbana que possui a sua própria identidade, o seu próprio papel no organismo maior que é a cidade.

Converge também noutro ponto caro a Castilho, quanto a sua concepção de património urbano e património edificado.

<sup>159</sup>- José Máximo Leite e Vasconcellos, in *Colecção oficial de legislação de Portugal*- Lisboa, Edições Imprensa Nacional, pág.594, 1861. Visualização possível no link: [books.google.pt/books?id=sLAvAQAAMAAJ](https://books.google.pt/books?id=sLAvAQAAMAAJ)

<sup>160</sup>--José Augusto França,-in *Lisboa Urbanismo e Arquitectura*- Lisboa ,Biblioteca Breve, 1990

A zona das Picoas, abrange por assim dizer estas duas componentes, já que por um lado faz parte de um tecido urbano pertencente ainda a Lisboa Antiga, e por outro derivado ao desenvolvimento da cidade um tecido urbano construído, baseando-se no edificado, que pelas suas características únicas e valor artístico inerente se tornaram parte do património da cidade.

*« Castilho concebe o conjunto do tecido urbano- a Lisboa antiga- como objecto patrimonial. desviando a noção de património edificado do seu exclusivo centramento em edifícios isolados, histórica e artisticamente valorizados».*<sup>161</sup>

Esta última noção verifica-se principalmente no que diz respeito às Avenidas Novas e mais precisamente as duas vias que estão representadas no limite do Bairro das Picoas, através dos Prémios Valmor e as muitas menções honrosas e nos prédios de rendimento, menos impressionantes, no entanto com o seu valor.

*«Desde a «moradia» de ostentação ao prédio de rendimento», desde a «habitação» à loja ou escritório, tudo isto pode caber na matriz das «Avenidas Novas».*<sup>162</sup>

Assim poder-se ia dizer que os receios de Castilho, não seriam na sua maioria fundamentados. Tanto no projecto das avenidas, como no projecto de urbanização Ressano Garcia, não deixou de respeitar uma Lisboa antiga, nem se esqueceu das memórias e nos caminhos antigos, dos traços mais tradicionais.

O bairro das Picoas, não sofreu qualquer « gentrificação », nem nobilitação, nem tão pouco surgiu porque era necessário acomodar a população crescente do princípio do século. O bairro já se tinha formado, anteriormente como prolongamento de outro bairro, hoje freguesia, S. Sebastião. A criação das Avenidas Novas, veio contribuir para o seu reconhecimento principalmente por ser um eixo principal. aquele que funcionaria, como meio estruturador para todo o resto.

Também a urbanização desta mesma zona, daria a mesma um novo estatuto. Pertencer às Avenidas Novas é de certa forma participar do modernismo, sem no entanto esquecer a antiguidade.

<sup>161</sup>--Joana Cunha Leal- in *A individualidade de Lisboa e o tipo de casa portuguesa em Júlio de Castilho* [www.academia.edu/.../A\\_individualidade\\_de\\_Lisb](http://www.academia.edu/.../A_individualidade_de_Lisb). Lisboa, pág1,

<sup>162</sup>--Lisboa do Passeio Público às Avenidas Novas3-doportoenaoso.blogspot.com/.../lisboa-do-passeio-publico-as-avenida...

A conclusão retirada por Raquel Henriques vai nesse sentido em que para além do bairro ter já a sua existência, essa não foi ameaçada com os novos planos urbanísticos.

*«...Concluir que a extensão de Lisboa através dos grandes eixos das Avenidas Fontes Pereira de Melo, António Augusto de Aguiar e Ressano Garcia, aprovados em 1889, se enraiza num viver da cidade de mais um século de tal modo que, através da nova rede ortogonal que é proposta, sobreviverão, com os seus velhos nomes, velhas estradas só posterior e incompletamente regularizadas como a Avenida Sá da Bandeira, rua do Arco do Cego ou de S. Sebastião da Pedreira e que algumas das novas avenidas respeitam o essencial do traçado de anteriores».*<sup>163</sup>

Semelhante as outras avenidas principais e as avenidas paralelas, este bairro posuía duas formas diferentes de construção. Na comparação entre duas das suas avenidas, é fácil perceber que existe também uma diferenciação social.

*«A diferente categoria social reflecte-se na ocupação do solo e no tipo de edifícios; palacetes e prédios de andares de maior qualidade, alguns dos quais merecem Prémios Valmor, nos eixos principais e prédios de rendimento no resto do tecido:»*<sup>164</sup>

Assim se tomar-mos em consideração duas das suas ruas, a Av.5 de Outubro e a Tomás Ribeiro, reflecte-se nelas estas duas tipologias.

A primeira constituída essencialmente por palacetes e moradias individuais com poucos exemplares dos chamados prédios de rendimento e a segunda pertencente a esta categoria.

*«O prédio de rendimento foi a opção mais utilizada no processo de construção das Avenidas Novas. Esta tipologia apresenta-se com algumas nuances, entre o grande prédio de aluguer ou o prédio moradia.»*<sup>165</sup>

Nas duas situações estava inerente o que se passava no âmbito não só da construção por assim dizer, mas também no tipo de arquitectura utilizada, os gostos artísticos

<sup>163</sup>--Raquel Henriques da Silva- in *As Avenidas Novas de Lisboa- 1900/1930-* Lisboa, UNL-FSCH, s.n.1984

<sup>164</sup>-*Dicionário da história de Lisboa-* Santana, Francisco, Lisboa, Editora Carlos Quintas & associados,lda pág.120, 121, 199

<sup>165</sup>-*Dicionário da história de Lisboa-* Santana, Francisco, Lisboa, Editora Carlos Quintas & associados,lda pág.120, 121, 199

da altura e das personalidades, neste caso os arquitectos de renome como Adães Bermudes ou Raul Lino, sem esquecer outros não tão conhecidos mas valorosos. A Av<sup>a</sup> Cinco de Outubro, através dos exemplares artísticos e não artísticos expressa essa mudança. A Casa Malhoa, por um lado define um conjunto de gostos arquitectónicos, em que em muito se espelha o gosto Art-Nouveau, Já a Maternidade Alfredo da Costa, um edifício publico, demonstra o talento de Ventura Terra e outro dos gostos arcaizantes e clacissistas, não deixando porém de mostrar a sua modernidade.

A rua Tomás Ribeiro, assim como várias das avenidas e ruas paralelas no perímetro que é o do Bairro, tinham ainda outras dicotomias. Se por um lado existiam as avenidas dedicadas exclusivamente a habitação, outras partilhavam dois tipos de interesse urbano. Para além dos prédios para habitação, ainda havia prédios que possuíam lojas no piso térreo, expressando dessa forma a sua qualidade também ela comercial. Sim porque os serviços publico deviam fazer parte do projecto da urbanização, até como forma de manter ou fixar a população.

Assim era a imagem que as avenidas novas e em particular o Bairro das Picoas , oferecia. Hoje em dia, o que observa, quando se caminha por estas mesmas ruas, é que apesar das muitas modificações e transformações , produzidas pelos tempos o Bairro não deixou de ter a sua aura, de manter mesmo assim a sua individualidade presente principalmente nos edifícios. Esses são os maiores testemunhos, uma das características da personalidade do Bairro

A tese de Júlio de Castilho sobre a « Feição Pessoal» determinada pelo seu edificado, está aqui bastante explicita, assim como também o estava no Bairro Alto.

*«Semelhante posição nasce em Castilho do confronto entre a imagem da velha Lisboa e as grandes transformações de finais de Oitocentos e é francamente inovadora porquanto a feição pessoal de de Lisboa é lida fundamentalmente a partir do domínio da arquitectura doméstica domínio que surge assim, pela primeira vez, valorizado como elemento caracterizador do espaço urbano.»*<sup>166</sup>

Também e de acordo com a tese de Júlio de Castilho, em que concebe a ideia de património urbano, também se pode incluir o Bairro nessa qualidade, já que

<sup>166</sup>-Joana Cunha Leal- in *A individualidade de Lisboa e o tipo de casa portuguesa em Júlio de Castilho-*  
*unl-pt.academia.edu/*. Pág.1



considera como tal as construções que não possuem singularidade e que são a maioria das construções urbanas.

*«A sua noção patrimonial abraça assim a vasta margem de construções urbanas isentas de singularidade , de que são exemplo flagrante e maioritário as estruturas prediais».*<sup>167</sup>

O Bairro das Picoas, parte ínfima da grande cidade, impõem-se no entanto através da sua história, na sua participação no desenvolvimento urbano , da expansão para norte. Pode-se até afirmar que o Bairro possui duas histórias a que se inicia com a freguesia de S. Sebastião e a que se inicia com a construção das Avenidas Novas.

Ao contrário da antiguidade histórica e mais ou menos pitoresca de outros bairros, não deixa porém de ser menos reconhecida.

*« Diz-se de Lisboa que é uma cidade de bairros e tal afirmação tanto pode remeter para uma ideia de fragmentação de espaços com características históricas, arquitectónicas, sociais e vivenciais próprias, como para construções pictóricas e «romantizadas»de formas de vida urbana...»«No fundo, a forma imbricada como todas estas imagens atravessam o conceito de Bairro permite perceber que não há sobre ele uma leitura unívoca, estática e simplista».*<sup>168</sup>

O Bairro das Picoas significa tudo isto. É um espaço com características históricas, arquitectónicas, sociais e vivenciais e sobretudo uma leitura múltipla e nunca simplista ou estática. E como no início foi declarado , é difícil chegar a uma conclusão única sobre este bairro, que continua a colocar segundo a minha perspectiva muitas questões.

---

<sup>167</sup>-Joana Cunha Leal- in *A individualidade de Lisboa e o tipo de casa portuguesa em Júlio de Castilho*-  
*unl-pt.academia.edu/*. Pág.1 ver: Vinte e Um por Vinte Um. Revista da Escola Superior Artística do Porto – Arte e  
Identidade. – N. 2, pp. 73-85

<sup>168</sup> --Maria Assunção Gato, in *A multipli(cidade) do Bairro*- CEAC/UAL- ISCTE-  
*conferencias.cies.iscte.pt/index.php/icyurb/* , Lisboa, pág 1, 11 a 14 Outubro 20

## Fontes e Referências Bibliográficas

- Almeida, J.V. Fialho, *Lisboa Monumental, Ilustração portuguesa*- Edição CML, 29/10, Lisboa, 1957
- Araújo, Norberto, *Peregrinações em Lisboa*-3 Volumes. Lisboa, Editora Vega, 1938/39
- Araújo, Norberto, *Inventário de Lisboa*- Lisboa-Edições CML Fascículo 10-1956
- Araújo, Norberto, *Lisboa de outro tempo: o Palácio das Picoas que foi demolido e um outeiro de há 150 anos*- Colecção da Bibliografia Olisiponense: recortes de jornais-Vol 23, pág1-2 Diário de Lisboa, 1942
- Ataide, M.Maia- *Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa*- Lisboa, Vol.V, 4º Tomo 1ªParte-Edições da Assembleia distrital de Lisboa-Dez.2000
- Benevolo, Leonardo- *As origens da urbanística moderna*- Lisboa, Colecção Dimensão, Editorial Presença, 1981, págs. 91, 92,93
- Brito, F. Nogueira -*Roteiro Ilustrado de Lisboa e arredores*, Lisboa, Edição Guias de Portugal Artístico, 1935
- Brito, J.J.Gomes de-in *Ruas de Lisboa- Notas para a história das vias públicas Lisbonenses-revista e prefaciada por António Baião*, Lisboa, Editora Livraria Sá da Costa, Vol. II, 1935
- Brito, J.J. Gomes- *Lisboa do presente, Lisboa do Passado*- Lisboa, Edições Batista Torres, págs 33 a 35
- Castelo-Branco, Fernando- in *Páginas Olisiponenses - Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa*- Editora da C.M.L, Lisboa, 1968
- Calado, Maria; Ferreira, Vítor Matias- *Freguesia de São Sebastião da Pedreira*, Lisboa, Contexto Editora Lda, 1991 pgs. 24-26
- Calado, Maria- *Atlas de Lisboa*-Lisboa, Editora Contexto lda , 1993
- Cáncio, Francisco- *Lisboa no tempo do Passeio Público*- Lisboa, Edições C.M.L Vol.I, 1962
- Cáncio, Francisco- *Arquivo Alfacinha*,Impressora Barreiro, Instituto de Coimbra e Instituto de Arqueologia, História e Etnografia.
- Castilho, Júlio de- *Lisboa Antiga: O Bairro Alto de Lisboa* -Lisboa, A.M Pereira, 2007

- Clark, David- *Introdução à geografia urbana-Lisboa- Editorial Difel, 1982/1985*
- Costa, A. Celestino- *Evolução de uma cidade- Lisboa, Edições Câmara Municipal de Lisboa, 1951*
- Dias, Marina Tavares -*Lisboa Desaparecida- Lisboa, Edições Quimera, Vols. 1-2 1989*
- Ferreira, Fátima Cordeiro G. ; Silva, Jorge da Silva- *Guia Urbanístico e Arquitectónico- GUAL- Lisboa, Edição da Associação dos Arquitectos Portugueses 1987*
- França, José Augusto-*A arte em Portugal no séc XIX – 2Vols., Lisboa, Editora Bertrand, 1966*
- França, José Augusto - *História de Lisboa Física e Moral - , Lisboa, Editora Horizonte, 2008*
- França, José Augusto-*Lisboa: urbanismo e arquitectura- Amadora, Edições Biblioteca Breve, 1980*
- Freire, João Paulo-*Lisboa- de um tempo e do passado- Do Rocío a Rotunda-Lisboa, Parceria António, 2º Vols-livro 3º, 1ªParte séc. XX, Pags, 361,362,363, 364,365.*
- Fuschim, Augusto-*Construção de casas económicas e salubres para a habitação das classes pobres-Lisboa, Imprensa Nacional , 1884*
- Gomes, António Luis - *Da Lisboa Antiga á grande Lisboa para lá do Tejo-Lisboa, Edições da Câmara Municipal de Lisboa- 1961*
- Guimarães, Luís de Oliveira- *Lisboa, 800 anos de História- Lisboa, edição C.M.L 1973, pág.636*
- Leal, Augusto Soares de Azevedo Pinho- *Portugal Antigo e Moderno-diccionário de todas as villas e freguesias de Portugal, Editora Mattos Moreira, 1882*
- Lima, Duval Pires de- in *História dos Mosteiros, Conventos e casas religiosas de Lisboa-, Lisboa, Gráfica Santelmo, Pub. C.M.L, 1950*
- Lisboa, Maria Helena In-*Os engenheiros em Lisboa: urbanismo e arquitectura-(1850-1930)- Lisboa, Editora Horizonte, 2002.*
- Macedo, Luis Pastor- *Lisboa de Lés-a-Lés- Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, Vol. 1-4, 1940*
- Maholy, Sibyl- *Urbanismo y Sociedad - Edições 80-86, Universidade de Minnesota, 2011 84*

- Mattoso, José-*História de Portugal*, Lisboa, Editora Estampa, 1997, págs-54-55
- Meirelles, Alberto-*Lisboa Ocidental: apontamentos para a monografia ...*
- Merson, Olivier- *Lisbonne, Histoire, Monuments, Moeurs*
- Mesquita, Alfredo- *Lisboa-Perspectivas e Realidade-* Lisboa, 1987
- Oliveira, Eduardo Freire de- *Elementos para a história do município de Lisboa 1882-1911-* Lisboa, Editora Typographia universal, Vol.1-16, 2009
- Paes, Miguel Carlos Correia- *Melhoramentos de Lisboa, engrandecimento da da Avenida da Liberdade*, Lisboa, Typografia Universal, 1885-87
- Pereira, Nuno Teotónio- *Prédios e Vilas de Lisboa –* Lisboa, Livros Horizonte, 1999
- Pinheiro, Magda-In- *Biografia de Lisboa*, Lisboa, Editora Esfera dos Livros, 2011
- Proença, Raul- *Encyclopedia pela imagem-* Porto, Editora Lello e Irmão, Livraria Chardron, 19...?( sem data conhecida).
- Populi, Filius- *Desenvolvimento da Construção Urbana»,*Lisboa, Ed. Policopiada
- Ramalho, Robélia de Sousa Lobo, *Guia de Portugal Artístico*,Lisboa, Maio de 1935 Vol II, Pags, 5,6,7,8
- Rodrigues, Maria João Madeira- *Tradição, Transição e Mudança, a produção de espaço urbano na Lisboa oitocentista-* Lisboa, S.N , 1975
- Salgueiro, Teresa Barata- *Transformações das avenidas novas: Sociedade e Território-* Lisboa
- Santana, Francisco Gingeira- *Dicionário da história de Lisboa-* Sacavém, Editora Calos Quintas e associados- consultores, 1994, págs 526, 527,528
- Santos, Gilda- António Custódio- *Artifícios e artefactos: entre o literário e o antropológico-* págs .144-154
- Serrão, Joaquim Veríssimo- *História de Portugal, Vols. X e XI-* Lisboa , Editorial Verbo, 1989
- Serrão, Joaquim Veríssimo- *História de Portugal-O terceiro Liberalismo-1851-1890 -* Lisboa

- Silva, A.Vieira da- 1869-1951-Vários autores-*Arquitectura do princípio do século em Lisboa*- Lisboa, Edições C.M.L, 1989-1990, págs .15, 16, 17.
- Williams, Daniel R. - *Beyhond the commodity metaphor : examining emotional and symbolic attachment to Place*- Leisure Sciences-Virginia Polythecnic Institute, 1995

#### Artigos/ dissertações

- Andrade, Hugo Miguel Castro- *Caracterização de edifícios antigos«Gaioleiros»* Lisboa, Departamento de Engenharia Civil, 2010
- Barata, Ana Cristina -*Lisboa 1860-1930; realidades, desejos e ficções-Lisboa* págs, I e II.
- Cunha, Dra. Joana Leal da in *A individualidade de Lisboa e o tipo de casa Portuguesa em Júlio de Castilho» academia.edu*
- Fernandes, José Manuel- *Dois Bairros em Lisboa* - Jornal dos Arquitectos, nº2 12-1985
- Fernandes, José Manuel- *Prémio Valmor –uma breve síntese-*, Jornal dos Arquitectos, nº35/36, 3-4, 1985
- Fernandes, José Manuel- *Ressano Garcia, as Avenidas, Dimensões-* in Catálogo Lisboa de Frederico Ressano Garcia, 1874-1909- Lisboa, FGG, 1989, pág 52
- França, José Augusto- *Raul Lino-arquitecto da geração de 90* – in Exposição retrospectiva da sua obra, Lisboa, F.C. Gulbenkian, 1970
- Gaspar, Lucília Batalha Duarte-*Auto segregação sócio-espacial em Lisboa-* Lisboa-Faculdade de Arquitectura-INNE/DAAGA, Págs-87, 88, 2002
- Gato, Maria Assunção- *A multiplicidade do Bairro-Lisboa*, (texto apresentado na Second International Conference of young urban researchers), ISCTE-IUL, Outubro de 2011
- Gonçalves, António Custódio- *Os Bairros urbanos como lugares de práticas sociais-*. *Lisboa Revista Fac. Letras*-1988, págs. 16-17
- Marques, Maria da Conceição Oliveira-*Introdução ao estudo do desenvolvimento urbano de Lisboa*-1879-1938-Lisboa, S.N, 1984
- Pinheiro, Magda- Vaz, Maria João – *Lisboa, entre a Regeneração e a Republica: Saberes, profissões e desafios-* Lisboa, Edições Politeia: História e Sociedade. Vitória da Conquista, nº1, 2009.
- Proença, Raul- *Guia de Portugal: Generalidades .Lisboa e Arredores* -Vol. 1, Lisboa Editora Biblioteca Nacional de Lisboa-1991

- Silva, António-Matos, Ana Cardoso- *Urbanismo e Modernização das cidades« o embellezamento» como ideal. Lisboa 1858-1891*-Repositório Digital de Publicações Científicas da Universidade de Évora.
- Silva, Luís Cristino -*Prespectiva de um bairro jardim a edificar em Lisboa para a sociedade Importadora*- Espólio Luis Cristino da Silva (1921-1976)
- Silva, Dra. Raquel Henriques da- *As avenidas novas de Lisboa-1900/1930* – Lisboa , S.N, 1984
- Silva, Dra. Raquel Henriques da-*Lisboa Romântica - Urbanismo e Arquitectura- 1777- 1874-* , Lisboa, Tese de Dissertação de Doutoramento, 1997
- Silva, Dra. Raquel Henriques da- *A casa portuguesa e os Novos programas 1900-1920* - in A. Becker, A.Tostões, W.Wang (org.) *Arquitectura do século XX*, Portugal, Prestel, 1997, p.14-22
- Soeiro de Brito, Dr<sup>a</sup> Raquel- *O desenvolvimento de Lisboa e da sua área metropolitana*- Lisboa, Universidade Nova de Lisboa-1997
- Teixeira, Manuel C.-*A história urbana em Portugal. Desenvolvimentos recentes- Análise Social*, vol. Xxviii (121), 1993 (2.º),
- Pereira, Nuno Teotónio-*Pátios e Vilas de Lisboa, 1870-1930*:Análise Social, Vol. 3, 1994 pág. 512.
- Tostões, Dra. Ana- *Construção Moderna: as grandes mudanças do século XX-*
- Outra documentação**
- C.M.L- *Anais do Município de Lisboa*-Lisboa- 1856-1859
- C.M.L, -*Anais do município de Lisboa*- Lisboa -1860- 1885

- C.M.L- *Actas das sessões-comissão administrativa*- Lisboa , CML, 1886-1890
- Freguesias de Lisboa- *De Campolide...Avenidas Novas*, Biblioteca da Educação, CML, Lisboa, Vol.5, 2000
- Guia de Turismo- Tradição académica de Linguas- *A Lisboa no princípio do século*-AAP, Lisboa, edições C.M.L.
- Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa, AAP, Lisboa, 1987
- Ressano Garcia -Litografia C.N Editora,Lisboa 1903
- Revista de Legislação e Jurisprudência-Lisboa, 1907
- Revista «Convergências»- artigo- *O moderno estilo em Portugal*- FAUTL
- Levantamento de Lisboa de 1908-1911 A.C.M.L

#### **Documentação Digital**

- Choay, Françoise- *Cultures and Neighborhoods - Perspectives and Keywords- Estrasburgo*, Edições de Council of Europe, 1998- Disponível no site Google books  
[WWW.googlebooks.com](http://WWW.googlebooks.com)- Françoise Choay- Cultures and neighbourhoods  
<http://books.google.pt/books?isbn=9287137366>,
- Hall, Peter Geoffrey- *Cities of Tomorrow- An Intellectual History of urban planning and design in the twentieth century*- Google books  
<http://books.google.pt/books?>
- HTTP:// [www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt](http://www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt)
- *Ilustração Portuguesa*, nº 155 revista integral pode ser visionada no site  
<http://www.google.com>

- *Ilustração Portuguesa, Lisboa, 1º anno, nº36-2 Março 1885, pág. 7*- revista integra pode ser visionada no site [HTTP:// www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt](http://www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt)
  
- lista dos Prémios Valmor e Municipal de Arquitectura – Wikipédia  
<http://ulisses.cm-lisboa.pt/>
  
- Revista mensal *Ocidente- ano 1885 , n.ºs 2.4,9*
  
- Leal, Augusto Soares de Azevedo Pinho- *Portugal Antigo e Moderno*- leitura integral disponível no site [www.internetarchive.com](http://www.internetarchive.com), American Libraries Publicações Livraria Editora Mattos, Moreira & Companhia, Lisboa, 1875
  
- Mumford, Lewis- *The Culture of cities*-Google Books  
<http://books.google.pt/books?>
  
- Williams, Daniel R.-*Beyond the commodity metaphor: examining emotional and symbolic attachment to Place*» Leisure Sciences-Virginia Polytechnic Institute, 1995
  
- Ward, Stephen V.- *The Garden City Introduction*- leitura integral disponível  
<http://books.google.pt/books?>
  
- [http:// premiosvalmor.blogspot.pt](http://premiosvalmor.blogspot.pt)
  
- Queiroz, Eça- Ortigão, Ramalho-«*As Farpas*»-*Crónica Mensal da política das letras e dos costumes*-Publicações Universitárias e Científicas-2004 pgs 482-483-  
<http://books.google.pt/books?i>



